

Revista da Extensão

Jun 2016 / N°12

ISSN 2238-0167

Entrevista com **Noemia Perli Goldraich**

Êba! Viado na pista! Nuances: 24 anos nas ruas - Gênero, sexualidades, saúde, educação, política e cultura LGBTT

Eficiência energética e hidráulica em saneamento

Jogos lógicos de tabuleiro como instrumento pedagógico e recreativo para todas as idades

Museu de Topografia: 20 anos de participação na vida acadêmica da UFRGS

Tornar-se plantonista e psicanalista: a experiência de uma estudante de psicanálise no plantão psicológico da UEL

A poesia na travessia da poética do letramento

Prática cênica, ensino, registro e reflexão: teatro e dança com alunos surdos

O impacto da divulgação científica na área biotecnológica

Programa educação infantil na roda: a articulação entre ensino, extensão e pesquisa

A experiência do EMAU - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Passo Fundo

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Apresentação

Se é verdade que vivemos novos tempos da extensão universitária, temos que entender que são decorrentes da efetiva e comprometida relação, ocorrida nos últimos anos, entre a universidade pública brasileira com a sociedade. Não é uma relação passageira. Exigiu um longo aprendizado, aporte de recursos financeiros, disputas políticas, reconhecimento das diferenças e aperfeiçoamento de projetos.

Requer ainda mais aprendizados, rigor na elaboração de projetos, sistematização de experiências, solidariedade e humildade em aceitar as diferenças. Cada relato, encontrado nas páginas da nossa Revista, oferece, não apenas um retrato da atividade extensionista, mas significa o compromisso da instituição universitária com as políticas públicas, com os saberes e com os problemas da sociedade.

As trajetórias individuais e coletivas dos que se dedicam a atuar, também na extensão universitária, fundamentam um caminho que dá sentido aos fazeres das salas de aulas na formação dos estudantes, das atividades de campo na formulação de políticas públicas e da melhoria da qualidade de vida.

São percursos que diferenciam a intervenção universitária do que entendemos como extensão universitária. A intervenção não deixa legados retirando saberes e explorando culturas; a extensão cria relações compartilhando conhecimentos, empoderando grupos e movimentos, renova a sala de aula e abre novos campos pesquisas.

A entrevista com a professora Noemia Perli Goldraich, nessa edição, é síntese disso tudo.

Sandra de Deus

Pró-Reitora de Extensão

Caras (os) leitoras (es), chegamos à décima segunda edição da Revista da Extensão. Ao completar mais um número, informo que passamos por ampla mudança na formação do Conselho Editorial, agora composto por professores de várias universidades brasileiras e estrangeiras. É uma tentativa, conforme acordo com os demais editores de revistas de extensão, de qualificar a nossa revista com vistas ao melhor ranqueamento dentre as publicações com esse perfil.

Vivemos tempos de “mudanças” nos cenários político e econômico do país, também é o momento de repensarmos os padrões editoriais das nossas revistas, no sentido de uma maior circulação e solidez de propostas quanto a futuras avaliações acadêmicas.

Por outro lado, embora faça parte de um mesmo cenário, também estamos vivendo sob uma ética de definição de um “novo conservadorismo”, que se espalha por todos os lugares. Ele vem intencionado por um sopro de avanços e mudanças sociais, mas traz no bojo uma simpatia pelo reacionarismo, manifestado em atos públicos racistas, machistas e xenofóbicos contra pretensos opositores.

Abrimos essa edição com um artigo, resultado de ação de extensão, sobre o **Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual**, que nesse ano comemora 25 anos de existência, em Porto Alegre. É um grupo pioneiro na luta em defesa da saúde e dos direitos da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) no Rio Grande do Sul.

A entrevista e os demais artigos que compõem a nossa Revista também merecem ser lidos, pois trazem uma variedade de atores e demandas sociais que demonstram o muito que devemos fazer para tornar a sociedade mais equânime.

José Antônio dos Santos

Editor

Sumário

Entrevista com
Noemia Perli Goldraich

04



Êba! Viado na pista! Nuances: 24 anos
nas ruas - Gênero, sexualidades, saúde,
educação, política e cultura LGBTT

14



Eficiência energética e hidráulica
em saneamento

22



Jogos lógicos de tabuleiro como
instrumento pedagógico e
recreativo para todas as idades

28



Museu de Topografia: 20 anos de
participação na vida acadêmica
da UFRGS

32



Revista da Extensão



36

Tornar-se plantonista e psicanalista:
a experiência de uma estudante de
psicanálise no plantão psicológico da UEL



43

A poesia na travessia da poética do
letramento



50

Prática cênica, ensino, registro e
reflexão: teatro e dança com alunos
surdos



55

O impacto da divulgação
científica na área biotecnológica



60

Programa educação infantil na roda:
a articulação entre ensino, extensão e
pesquisa



65

A experiência do EMAU - Escritório Modelo
de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de Passo Fundo



Foto: Dora Schmidt

Entrevista com Noemia Perli Goldraich

*Entrevista: José Antônio dos Santos e Sandra de Deus
Transcrição da entrevista: Dora Schmidt, Elias Santos, Paola Pavezi*

Revista da Extensão: Como foi a sua formação inicial e como despertou o seu interesse pelo Curso de Medicina?

Profa. Noemia: Outro dia estava pensando sobre como iniciei no maternal do Instituto de Educação. Lembro que usava um aventalzinho e não queria ir para o colégio. O Instituto de Educação era lindo e as crianças entravam no maternal por sorteio, era o máximo estudar em colégio público. Depois fui para o Colégio de Aplicação e nunca mais deixei a UFRGS, essa é a verdade. No Aplicação a gente tinha aula de manhã, de tarde e ainda no sábado, o que formava muitos grupos de amigos. Também tinham os amigos da rua que moravam à nossa volta e formaram amizades que perduram até hoje. Portanto, não sei bem quando eu resolvi fazer medicina, mas, naquela época, eu sabia que não seria professora. Aliás, nenhum de nós do Aplicação queria ser professor, mas por “coisas do destino” todos acabaram professores universitários e estão espalhados por várias capitais do país.

RE: Então, ao que parece o Colégio de Aplicação também teve alguma influência na sua escolha profissional para se tornar professora?

Profa. Noemia: Muitos daquele grupo se tornaram docentes porque os professores do Colégio de Aplicação foram influências importantes para todos nós. Eu saí do Colégio, em 1964, metade dos nossos professores foram

caçados pela ditadura militar logo depois que a gente saiu. O Carlos Appel foi nosso professor de literatura, o Carlinhos Scarinci era de filosofia, o Donaldo Schüler dava latim. Eram vários grandes profissionais que deixaram suas marcas em turmas que tinham 30 alunos, e conviviam muito com aquela efervescência política e cultural do fim dos anos de 1950 e 60. No ano em que nos formamos, tínhamos a certeza que deveríamos passar na UFRGS sem fazer cursinho. Era essa a proposta do Aplicação e todos nós a seguíamos. Eu lembro que não fiz vestibular em outro lugar, tinha de ser na UFRGS. Fomos criados e educados desse jeito. Era uma maneira de educar bem diferente de hoje, tínhamos aulas de francês, inglês e latim; líamos muito e nunca fiz curso de inglês, tudo o que sei, de escrever, de ler, de falar, eu aprendi no colégio.

RE: Além dos colegas da escola, possivelmente, também deve ter tido a influência de alguém da família na sua escolha por medicina?

Profa. Noemia: Eu tinha um tio que era médico, ele trabalhava no interior, em Chapecó [SC]. A gente não tinha grandes convivências com ele, porque ele morava nessa cidade, mas era um irmão muito querido da minha mãe e quando ele vinha nos visitar, ficava alguns dias em nossa casa. Ele é a única pessoa da família que eu lembro que era médico, porque eu não tenho uma família muito grande. Meu avô veio da Polônia para o Brasil em 1935, em 1939, iniciou a Segunda Guerra Mundial e morreram praticamente todos de nossa família.



Foto: Dora Schmidt

RE: Aproveitando um pouco essa sua lembrança da origem polonesa, fale-nos sobre a sua história familiar.

Profa. Noemia: Meu pai era polonês, quando ele tinha quatro anos, a mãe dele morreu e ele ficou com a avó. O pai dele veio para a Argentina e, quando ele fez 13 anos, o meu avô mandou buscá-lo. A avó dele pegou um primo e despachou as duas crianças para a Argentina. Quando meu pai chegou o meu avô já havia casado novamente, ele não se adaptou na nova família, nem o pai ele conhecia direito, era tudo estranho. Ele ficou na Argentina até os 18 anos, depois saiu pelo mundo e acabou vindo para o Brasil. Aqui em Porto Alegre ele conheceu a minha mãe, chegaram a ficar uns cinco ou seis anos sem se encontrar, mas depois se reencontraram e casaram. Meu pai era filho único e só tinha aquele primo que veio com ele, passaram-se anos, eu lembro que era pequeninha e o primo apareceu na nossa casa. Muitos anos depois, uma pessoa disse que tinha alguém me procurando, era o filho desse primo do meu pai, que já era um senhor mais velho do que eu. Ele nunca tinha visto um Goldraich de perto, e nem eu. Esse

meu primo era professor, agora está aposentado, na Faculdade de Odontologia de Córdoba, na Argentina.

RE: É curioso, mas a partir dessas experiências do seu tio e do primo, é visível que a sua família tem alguma proximidade com a área da saúde. A senhora também tem um irmão que é nefrologista, não é mesmo?

Profa. Noemia: Isso. É o meu irmão Isidoro. A nossa família se resume a dois irmãos e os dois são médicos. O mais interessante é que tenho dois sobrinhos médicos, pra desespero nosso, porque a gente fez de tudo para que eles não fossem médicos. É muito chato só ter médico na família, o assunto acaba girando entorno disso. Meu irmão é muito culto e meu sobrinho também, ele viajou pelo mundo e voltou com uma cabeça aberta, o que cria boas discussões, enquanto minha sobrinha está sempre estudando. Meu sobrinho é médico comunitário na favela da Rocinha no Rio de Janeiro, enquanto minha sobrinha fez especialização em transplante de coração no Canadá, então, veja como são as diferenças, embora as opções por medicina.

Fez graduação (1970) e mestrado em Medicina (Nefrologia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977), doutorado em Medicina (Nefrologia) pela Universidade Federal de São Paulo (1984) e pós-doutorado na Renal Unit, Institute of Child Health, University of London and Department of Paediatric Nephrology, Great Ormond Street Hospital, London, Inglaterra (1984-1985). É professora-associada do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nefrologista pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Prevenção de Doenças Crônicas na Infância da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. Atua em projetos de pesquisa principalmente nos seguintes temas: infecção urinária em crianças, infecção urinária febril e refluxo vesicoureteral em lactentes, diagnóstico por imagem em patologias do trato urinário e prevenção de doenças crônicas não comunicáveis na infância.

RE: Cada um(a) da família acabou por fazer uma especialidade diferente, mas a senhora e seu irmão optaram pela área de nefrologia, há alguma explicação?

Profa. Noemia: Desde o início da faculdade eu me questionava sobre o que iria fazer como especialidade. Eu sabia que não queria fazer pediatria e nem ginecologia, porque todas as mulheres que entravam na faculdade naquela época faziam isso. Em 1965, entraram 150 estudantes de medicina, destes, apenas 9 eram meninas. Para ver como era desproporcional a relação entre homens e mulheres ingressantes na medicina naquele tempo. Da minha turma, apenas duas colegas fizeram gastroenterologia e, eu, nefrologia, o restante fez pediatria e gineco-obstetrícia. Eu sabia que iria fazer alguma coisa de clínica, daí fui fazer nefrologia porque era bem difícil, tinha pouca gente trabalhando, e eu gostava de desafios. Outra influência foi o professor Oly Lobato, de nefrologia, era uma pessoa fascinante e começou a me incentivar. Trabalhávamos a semana toda e aos sábados na enfermaria, mas, nesse dia, quando terminava o expediente, íamos para as livrarias, pesquisar e comprar todo tipo de livros, menos de medicina. O doutor Oly vivia recitando poesias era uma pessoa que enxergava o ser humano por inteiro, não apenas dois rins. Ele ia examinar um paciente e, antes, pedia licença, pegava o estetoscópio e esquentava. Para ele, todos tinham nomes na enfermaria, o que nos estimulava a ter uma visão diferente da atuação médica.

RE: São experiências como essas que formam além do profissional também o cidadão, e, muitas vezes, também definem algumas escolhas que fazemos, não lhe parece? Isso ajudou a senhora a buscar a especialização em nefrologia pediátrica?

Profa. Noemia: No início, quando eu ainda era residente, não atuava na Sala das Crianças, só trabalhava com adultos. Tinha uma colega que era a responsável pela Sala das Crianças da Enfermaria 2 da Santa Casa e, quando ela morreu, eu estava de plantão como residente à noite e tive que assumir as crianças que não tinham prescrição. Depois disso, não havia ninguém para assumir esse setor e, aos poucos, eu acabei assumindo. Comecei a atender as crianças e, no início, eu não sabia examinar um bebezinho, um recém-nascido, nada. Naquela época, também não tinha material pra fazer diálise em bebê, por exemplo, e a gente tinha que improvisar tudo, fui aprendendo na prática e a partir da necessidade de resolver problemas.

RE: Professora, então quer dizer que a sua aproximação com a nefrologia pediátrica se deu de forma inesperada e foi a partir de uma necessidade específica?

Profa. Noemia: Sim, tudo parece ter acontecido de uma forma inesperada na minha vida. Em Recife, em 1972, no meu primeiro Congresso Brasileiro de Nefrologia, fiquei observando os trabalhos apresentados e verifiquei que a

nefrologia pediátrica era uma área que ainda tinha espaço para desenvolvimento profissional e de pesquisas no Brasil. Foi quando comecei a pesquisar e a estudar mais profundamente o tema, e passei a dar um cunho científico para essas questões aqui no Estado. Comecei a ir a congressos internacionais, o que muito poucos nefrologistas pediátricos brasileiros faziam, e iniciei o mestrado em nefrologia na UFRGS, onde fui, de forma concomitante, aluna e professora da disciplina de Nefrologia Pediátrica. Depois fui fazer o doutorado em São Paulo, mas já era professora da UFRGS, desde 1976, quando entrei por concurso no Departamento de Medicina Interna.

RE: Como foi o seu doutorado na Universidade Federal de São Paulo?

Profa. Noemia: O meu doutorado, foi uma época muito boa, me divertia bastante trabalhando e viajando para São Paulo quase toda semana. A minha dissertação de mestrado havia sido sobre refluxo vesicoureteral, um problema que todo mundo operava naquela época, e hoje a gente não faz nem diagnóstico, porque foi demonstrado que não há necessidade de tratar disso. As coitadinhas das crianças passavam por cirurgias, e eu, como era contrária a esse processo, comecei a ir a congressos internacionais buscar alternativas. O objetivo era buscar algum recurso na medicina nuclear em que pudéssemos visualizar os rins, foi quando começamos a fazer estudos com o ácido dimercaptossuccínico marcado com Tecnécio (DMSA). Num congresso em Estocolmo, depois que apresentei alguns resultados das pesquisas que vinha fazendo, conheci um pesquisador renomado que me questionou, ele disse: “Não estou muito convencido com esses teus exames, mas vou te indicar para ires à Califórnia num congresso só de refluxo”. Eu fui ao congresso e nos encontramos, ele se mostrou interessado para vir a Porto Alegre conhecer o trabalho e começamos algumas parcerias de pesquisa.



Projeto de extensão de prevenção de doenças crônicas não comunicáveis na infância. Fonte: Acervo pessoal

RE: Por favor, nos explique melhor os resultados dessas pesquisas, que nos parecem inovadoras para a época e como foi a sua aproximação com a extensão universitária.

Profa. Noemia: Antes dessas pesquisas as crianças eram diagnosticadas apenas a partir de exames com Raio X, elas ficavam em jejum, podia dar alergia, e, na verdade, se enxergava muito pouco porque tinha gás sobre os rins. Com o exame de DMSA o médico consegue visualizar melhor o que interessa e, quando mostra o exame para as mães, elas também enxergam o problema. Então, tu tens muito mais argumentos para dizer aos pais que a criança não pode ter infecção e tem de ser melhor cuidada. Daquela época pra cá, as coisas mudaram rapidamente. Sobre a minha aproximação com a extensão, ela se deu quando eu fui à Inglaterra e me apaixonei por uma metodologia que eles chamavam “clinic in the country”. Naquele país, a medicina é toda socializada e havia pouquíssimas clínicas particulares. O professor organizava “clínicas de nefrologia pediátrica

no interior” com toda uma equipe formada por residentes e enfermeiras em uma determinada cidadezinha do interior para facilitar o atendimento das pessoas. Eles atendiam todas as crianças que precisavam de um nefrologista na cidade e elas não precisavam se deslocar até um grande centro, colhiam todo o material e traziam para realizar os exames na universidade. Essas crianças estavam em atendimento com o médico de família, que selecionava os pacientes e depois desse atendimento, recebia uma carta do professor, com os resultados dos exames e a orientação de como deveria continuar o tratamento. É a referência e a contra-referência.

RE: Aqui no Brasil o processo é bem diferente.

Profa. Noemia: Aqui no Estado e no Brasil é bem diferente ainda hoje. Temos o problema do paciente ter que sair de sua cidade para vir para Porto Alegre medir a pressão, por exemplo, uma coisa que não tem sentido, uma vez que não temos um sistema efetivo

compartilhado de informações que é a referência e a contra-referência.

RE: Conforme o seu depoimento, a maior influência para a metodologia de extensão universitária que vem desenvolvendo veio da experiência no pós-doutorado, mas como isso tem sido aplicado nas atividades aqui na UFRGS?

Profa. Noemia: O ano e meio que fiquei na Inglaterra foi de muito aprendizado nesse sentido. Eu voltei em 1985, do pós-doutorado e um tempo depois, baseada na minha experiência, com as crianças que tinham infecção urinária, que eu atendia no Hospital de Clínicas e nas quais descobri que em muitas delas havia sido feita retirada precoce e inadequada das fraldas, fui fazer ações de extensão na Creche da UFRGS. Foi muito boa a experiência na Creche, porque eu e alguns alunos da medicina chamávamos os pais e passávamos uma série de informações de como retirar corretamente as fraldas. Meus primeiros projetos de extensão foram na Creche Francesca Zacaro Faraco da UFRGS e na Escola de Educação Infantil do Instituto de Educação General Flores da Cunha. Também trabalhamos na cidade de Charqueadas, e, depois, com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, onde estamos há quatro anos. Os nossos alunos de medicina têm pouco contato com crianças saudáveis fora do ambiente hospitalar. É uma experiência muito rica estar fora do ambiente hospitalar, devemos adequar a linguagem e o comportamento, você não interage apenas com um paciente, pode explicar determinada doença ou tratamento para muitas pessoas ao mesmo tempo. Por outro lado, também tem o fato de que tratar com nefrologia pediátrica é melhor do que com adultos. Eles, em geral, quando procuram tratamento médico já têm outras doenças e vícios, como a resistência aos tratamentos, por exemplo. Com crianças não, tu pegas o começo das doenças e podes modificar comportamentos, trabalhar com a prevenção, por exemplo, é algo que realmente muda. Podemos prevenir por meio da educação antes de acontecerem as tragédias.



Projeto de extensão em escolas da rede municipal de ensino da rede pública de Porto Alegre. Fonte: Acervo pessoal

RE: A Universidade tem um compromisso muito grande nesse sentido da educação e da prevenção de doenças, não lhe parece?

Profa. Noemia: Sem dúvidas. Eu acho que a gente tem que se envolver muito na prevenção porque a prevenção é muito barata, custa muito pouco, se comparada ao tratamento das doenças. Tem coisas básicas que não ensinamos à sociedade, como medir a pressão das crianças, por exemplo, por que não medimos? Nós temos um compromisso muito grande como universidade pública em difundir essas informações. A nossa responsabilidade é de chegar até a sociedade, e a escola, a creche são caminhos. O projeto que temos com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre se volta, dentre outras coisas, para a educação alimentar e nutricional e para chamar a atenção para a ocorrência de pressão arterial alterada em crianças de cinco anos, por excesso de peso e sal na alimentação.

RE: Para chegar nesses projetos desenvolvidos com a Secretaria de Educação, antes, foi formado o Núcleo Interdisciplinar de Prevenção de Doenças Crônicas na Infância, qual tem sido o papel social do Núcleo?

Profa. Noemia: O Núcleo foi formado, em 2009, junto à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade, a partir daquelas experiências extensionistas anteriores. Foi quando começamos a pesar e a medir as crianças rotineiramente, e constatamos que elas estavam com sobrepeso e pressão alta. Esses dados foram coletados e precisavam ser comparados com outras realidades para sabermos o que estava acontecendo. Iniciamos, então, o trabalho no Instituto de Educação, onde ficamos durante anos. Mas, de qualquer forma, era uma escola apenas e a gente queria ver os resultados numa comunidade ou cidade inteira, foi quando criamos o Núcleo Interdisciplinar de Prevenção de Doenças Crônicas na Infância. A ideia inicial foi reunir médicos, enfermeiros, nutricionistas, e outros profissionais da saúde para trabalhar juntos. É um aprendizado que ainda temos que

desenvolver e a extensão tem nos dado essa chance, mas não é fácil, cada área de conhecimento puxa para um lado.

RE: Essa é uma das grandes questões da extensão, como desenvolver ações interdisciplinares e buscar um maior envolvimento de professores e alunos num mesmo projeto de extensão?

Profa. Noemia: O que eu mais sinto como problema para um maior desenvolvimento do Núcleo, e esse não é um problema nosso, é a questão da interdisciplinaridade. São recorrentes as reclamações durante os Salões de Extensão, essa é uma questão complicada. O interessante é que temos bolsistas de várias áreas: da engenharia, das relações internacionais, da nutrição, da psicologia, da filosofia, das artes visuais. A integração entre estudantes de várias áreas de conhecimento é importante para a formação profissional, assim como ter contato com outras pessoas, realidades e saberes. É importante, inclusive, para a prevenção da saúde deles, para que saibam que temos de prevenir. Por incrível que pareça, os estudantes que menos trabalham conosco são os de medicina, eles têm horários reduzidíssimos para esse tipo de atividade além de serem formados com outros objetivos. Damos preferência por estudantes que possam ficar o dia inteiro nas comunidades e é muito difícil contar com estudantes de medicina e odontologia em função das suas cargas horárias. Quanto aos demais colegas professores a realidade colaborativa também não é fácil.

RE: Fale-nos mais sobre os projetos do Núcleo Interdisciplinar de Prevenção de Doenças Crônicas na Infância desenvolvidos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.

Profa. Noemia: Tudo nasceu em função dos problemas que envolvem a saúde das crianças, e a necessidade de obtermos um quadro atualizado dessa epidemiologia. Esse é o quarto ano que trabalhamos com a Secretaria de Educação, são

mais de 30 Escolas Municipais de Educação Infantil, e estamos avançando. Fizemos algumas formações sobre alimentação saudável para os professores da rede de educação municipal. A Secretaria tem sido uma parceira muito importante no apoio das atividades, no diálogo sobre as prioridades, no nosso ingresso nas escolas, e na presença efetiva dos professores nas formações.

RE: Quais têm sido os resultados dessa parceria?

Profa. Noemia: A partir de então, todos os envolvidos com a educação infantil começaram a entender melhor a necessidade de diminuir o sal e outros alimentos como salgadinhos e refrigerantes, por exemplo. Têm buscado alternativas de comidas mais saudáveis para as crianças e têm levado os resultados das experiências e formações para as suas casas. São cerca de 3.000 crianças, de 28 escolas, com idades entre 0 e 5 anos, que foram pesadas, tiveram a altura medida e, a partir dos 2 anos, a pressão arterial determinada. Mostramos que 40% delas têm excesso de peso e que 16%, daquelas com idades entre 2 e 5 anos, têm pressão arterial alta. Elas estão sendo acompanhadas e educadas para fazerem diferente na sua alimentação. Saber disso foi preocupante para toda a comunidade escolar envolvida, mas também foi muito educativo.

RE: Pais, mães, professores e gestores públicos devem ter ficado preocupados com os resultados da pesquisa, o que deve ter se tornado um primeiro movimento educativo transformador naquela realidade, quais são os próximos passos do projeto?

Profa. Noemia: Bom, agora, vem a segunda etapa desse projeto. Contatamos a Secretaria da Saúde do Município, mas não conseguimos que ela assumisse as crianças com problemas de saúde. A Universidade aponta os problemas, busca soluções, mas não tem como assumir o tratamento continuado das crianças. Nossa batalha nesse ano é o Programa “Saúde na Escola”, do Ministério da Saúde. As crianças recebem

uma alimentação adequada na escola, só que elas vão pra casa e é pizza, salgadinho, miojo, essas coisas todas, então a gente tem que educar os pais também. Entregamos um boletim de avaliação para os pais, que contém os resultados da avaliação feita por nós e alguns dados do questionário respondido por eles, sobre o estilo de vida da família, que inclui alcoolismo e tabagismo, dentre outras questões. Nós tivemos escolas que 98% dos questionários foram respondidos, demonstrando o interesse dos pais pelo assunto. Alguns se empenharam em responder e trazer dados da família, como a quantidade de hipertensos e outras informações. Algumas escolas já tinham projetos lindos de hortas comunitárias, cisternas para reaproveitamento da água e professoras interessadas em melhorar cada vez mais, agora chegou a hora da Universidade ajudar.

RE: A interlocução desejada entre ensino, extensão e pesquisa parece estar funcionando, mas sabemos também que o Núcleo realiza outras atividades de formação continuada na prevenção de doenças crônicas na infância.

Profa. Noemia: Tu debes estar falando do seminário “Universidade e Escolas” que vamos realizar pelo quinto ano. Essa foi uma proposta de atividade de extensão que iniciamos com o tema da “Criança e Consumo”, e teve resultados muito bons. Primeiro, porque é de graça e dá um certificado da UFRGS; segundo, porque os temas têm sido reconhecidos como relevantes pelos professores e pela sociedade como um todo. Então, temos tido uma boa procura e é um evento que já entrou na nossa rotina de programação do Núcleo. Os seminários estão dentro daquele contexto que falávamos sobre a prevenção de doenças, nesse sentido, precisamos difundir conhecimentos científicos atualizados e de maneira fácil para que todos entendam. Eu sempre fiz pesquisa clínica, trabalhava na pós-graduação, mas sempre preocupada com a aplicação prática dos resultados. Então comecei a notar que as crianças têm mais pressão alta do que tinham antes, hoje eu recebo muito mais pacientes com pressão alta no Hospital de



Foto: Dora Schmidt

Clínicas e isso começou a me incomodar. Temos um projeto de pesquisa, onde tudo é padronizado conforme o rigor científico – idade, peso, altura, pressão arterial das crianças – tudo é medido e indexado em bancos de dados. Como extensionista entendo que precisamos repassar os resultados dessas pesquisas para os pais, professores, gestores e demais interessados e o evento público serve para isso. Então, fica bem claro para nós o que é extensão e o que é pesquisa, são atividades perfeitamente complementares. E têm que ser assim!

RE: Criança e consumo nos parecem ser relações pouco aprofundadas em sociedades como a nossa em que nos tornamos, cada vez mais, sedentários e consumistas. A preocupação com aquilo que as crianças estão consumindo, ou, o cardápio infantil, é tema fundamental do nosso tempo, como isso vem sendo desenvolvido no Seminário Universidade e Escola?

Profa. Noemia: Todos nós sabemos que os padrões alimentares são estabelecidos até os dois anos de idade, depois cada um faz o que quiser, não adianta mais brigar com as crianças.

A nossa tendência social, os mais antigos, principalmente, era ter sempre um doce, um pirulito para dar a uma criança que chorava. Hoje sabemos que misturar açúcar a afeto não é uma boa saída, temos que mudar. Embora, esse seja um dos aspectos mais explorados nas propagandas de televisão à tarde quando as crianças estão na frente das telinhas e são anunciados doces, refrigerantes e sucos industrializados. Vivemos o que se chama de “transição nutricional”, antes, as crianças eram desnutridas porque não tinham aporte de proteína, agora, recebem calorias aos montes, desproporcionais ao aporte de proteínas, e, por isso, ficaram gordas e não estão crescendo em altura o que precisam. Nesse período de “transição nutricional” elas ficaram obesas, hipertensas e com doenças crônicas, como diabetes, alguns tipos de câncer, pedra nos rins, cálculo de vesícula, que chamamos “doenças crônicas não-comunicáveis”, pois aparecem de forma gradual, são progressivas, não tem cura, então como é que podemos prevenir? Só na infância a prevenção é efetiva, depois não tem mais o que fazer, senão tomar remédio.

RE: Nos parece que a educação sobre o que as crianças devem consumir como alimento saudável é um dos temas fundamentais para o futuro da nossa sociedade, é isso professora?

Profa. Noemia: Sim, temos que educar para o consumo saudável desde a educação infantil. Não adianta eu sentar no consultório com a criança e os pais e dizer assim: “Tu não podes comer isso e aquilo”. Ele vai para escola e todos os amiguinhos estão comendo porcarias, chega em casa e a situação não é muito diferente. Então, na realidade, é o médico e o professor que devem ter essa preocupação educativa e buscar conscientizar a sociedade. Não deve ser apenas uma luta deles contra o mundo, mas uma luta de todos nós.

RE: Qual seria a alternativa para o envolvimento de toda a sociedade nesse processo de reeducação alimentar?

Profa. Noemia: Tem que ser uma política de Estado. Não adianta eu resolver apenas na minha casa, tem que ser política de Estado. Na escola não tem conversa, ou a criança come o que tem como lanche ou almoço, ou vai passar fome. O Programa Nacional de Alimentação Escolar [PNAE] a partir do que está escrito, é maravilhoso, qualquer um fica encantado. É proibido usar o dinheiro do Programa para comprar salsicha, não pode comprar refrigerante, não pode comprar achocolatado, não pode comprar suco de caixinha, 30% dos produtos consumidos devem vir da agricultura familiar, está tudo definido no documento, mas, colocar na prática não é fácil. Devemos fazer valer o PNAE e educar, é esse o papel social que temos como extensionistas.

RE: Como professora da Universidade a senhora também tem uma série de compromissos sociais, inclusive, a partir da sua experiência como extensionista, como o curso de medicina tem trabalhado com essas questões?

Profa. Noemia: É diferente na sala de aula da Universidade, inclusive, se tivéssemos um ensino

mais voltado para as doenças prevalentes seria ótimo. Mas não é assim. Na verdade, o currículo é feito pra satisfazer os professores, em horários pela manhã onde se concentram a maioria. Até bem recentemente, por exemplo, davam aulas de desnutrição, aí alguém perguntou: “Vocês não estão vendo que as crianças estão ficando mais gordas?” Foi quando mudamos, mas ainda há uma defasagem muito grande entre as faculdades de medicina e a realidade do país. Nós não preparamos médicos para trabalhar no SUS, nós preparamos médicos para fazer transplante, para tratar doenças raríssimas. Em geral, nosso aluno não sabe tratar de problemas simples de saúde, o que é uma deformação, a gente devia fazer uma revolução no nosso currículo. Só que a Faculdade de Medicina é extremamente conservadora. O Programa Mais Médicos do Governo Federal, por exemplo, não tem conseguido incentivar os jovens médicos a irem para o interior do país. A maioria quer um consultório médico em Porto Alegre.

RE: Para finalizar, uma última questão: a extensão lhe satisfaz como professora?

Profa. Noemia: A extensão me satisfaz muito. É uma oportunidade fantástica trabalhar com os bolsistas, ir às escolas e interagir com as crianças, com os pais e professores, é quando saímos do nosso mundo e tomamos contato com a realidade. A sala de aula tem me dado pouco, também tenho alguns doutorandos que oriento, mas onde tenho me realizado é no contato com as crianças. As escolas infantis são em tempo integral, o que nos permite passar o dia todo entre crianças. Elas sempre te recebem com um sorriso, sabem seu nome, são acolhedoras e representam um futuro melhor. Temos um compromisso, como universidade pública, com a saúde delas, no futuro. Nós detemos o conhecimento científico e não temos compromisso com a doença e nem com as indústrias conectadas com alimentos e com medicamentos, portanto, não há conflito de interesses em nossas ações. É nisso que acredito! ◀



Êba! Viado na pista!

Nuances: 24 anos nas ruas - Gênero, sexualidades, saúde, educação, política e cultura LGBTT

Frederico Viana Machado: Saúde Coletiva - UFRGS

Fabiano Barnart: Mestrando em Geografia e Ativista do Nuances

Acadêmico de Geografia e Ativista do Nuances: Renan de Mattos

No ano de 2015, mais precisamente em abril, a Organização Não Governamental Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual comemorou seus 24 anos de existência. Como grupo pioneiro na luta pela defesa dos direitos da população de

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) no Rio Grande do Sul, muitas histórias, acontecimentos, festas, denúncias, protestos passaram por esta história. O Nuances é uma instituição nacionalmente reconhecida pelo seu protagonismo político, com um histórico de ações



Foto 1: Integrantes do Nuances e LAPPACS durante a realização do evento | Fonte: Rádio Web Saúde Coletiva

desafiadoras, transformadoras e polêmicas, pois tratar de temas tabus como a diversidade sexual num país como o Brasil é, ainda hoje, um grande desafio.

Com ousadia e articulações estratégicas com atores dos movimentos sociais, da universidade e do Estado, o Nuances vêm, na palavra de um de seus militantes, “tentando incomodar um pouco e desestabilizar a hipocrisia da sociedade”. Além das polêmicas Paradas Livres e do “sorteio do bofe¹” que realizamos, nestes 24 anos, a intensa visibilidade marginal e o embate político que o grupo proporcionou nos mais diversos espaços de enfrentamento e sociabilidade, foram precursores

para trazer ao cotidiano as questões acerca da população LGBTT, sendo esta a conquista mais relevante do grupo.

Neste contexto, surge a proposta de parceira entre o Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LAPPACS/UFRGS) e o Nuances para comemoração do aniversário da ONG, que levou à criação da Ação de Extensão intitulada “24 anos do Grupo Nuances: ações de extensão sobre cultura, política, saúde e sexualidade”. O objetivo principal foi trazer para o ambiente acadêmico a história do grupo, as militâncias dos atores envolvidos, articular redes entre a academia e o movimento social, as conquistas no âmbito das políticas públicas bem como temáticas atuais de enfrentamento às opressões vivenciadas pela população LGBTT.

A escolha do 24º aniversário para uma comemoração especial está relacionada ao número que usualmente é utilizado para tratar pejorativamente a homossexualidade. O uso deste número de forma afirmativa reflete uma característica do Grupo Nuances, e de outros movimentos LGBTT, que utilizam expressões ofensivas de forma irônica e bem humorada para enfrentar

1. Em maio de 1999, o Nuances promoveu uma festa que tinha como artifício de divulgação o “sorteio do bofe”, que se referia ao sorteio de uma noite com um garoto de programa. Naquela época, a iniciativa escandalizou os setores mais conservadores da sociedade gaúcha, manifestado através da mídia e partidos de oposição ao governo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que apoiou o evento, alguns setores da esquerda e do próprio movimento social. Os principais argumentos usados se referiam ao uso do dinheiro público para prostituição e promoção da exploração sexual. Porém, as “nuanceiras” planejaram essa ação com objetivo muito além de promover o evento, mas para demarcar sua posição de apoio à prostituição, como uma prática muito mais complexa do que uma simples consequência do capitalismo ou desestrutura familiar. Defendendo o direito à autonomia do corpo tanto para o prazer, quanto como fonte de renda (BARROSO, 2007).



Foto 2: Cartaz de Divulgação do Seminário. | Fonte: Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual

o preconceito visibilizando e ressignificando positivamente. Um exemplo é o tratamento entre os integrantes do grupo no gênero feminino: *nuanceiras*.

A ação de extensão teve como atividade principal a realização do Seminário Internacional - Êba! Viado na Pista - Nuances 24 anos nas ruas, onde foi propiciado um ambiente privilegiado para debater as transformações da sociedade, as formas de exclusão sócio-espaciais² que atingem a população LGBTQTT, a militância através da arte e cultura, o resgate da história do grupo e a importância dos movimentos sociais na construção, desenvolvimento e aplicação de políticas públicas nas áreas de saúde, cultura, política e sexualidade.

2. Termo proposto por Marcelo Lopes de Souza (2013, p.16), que significa: "[...] o 'sócio', longe de apenas qualificar o 'espacial', é, para além de uma redução do adjetivo 'social', um indicativo de que se está falando, direta e plenamente, também das relações sociais".

Ainda, foram debatidas a agenda do movimento LGBTQTT e suas estratégias atuais de enfrentamento e resistência às opressões políticas e aos preconceitos sociais.

As discussões sobre política, sexualidade, preconceito e saúde levantadas historicamente pela militância LGBTQTT tem raízes profundas no campo da saúde, tendo sido atores importantes para a construção e execução de políticas públicas de enfrentamento à epidemia de HIV/AIDS e outras DST's desde meados dos anos 1980. Sobretudo a partir de 2004, com a publicação do Programa Brasil Sem Homofobia, as discussões sobre sexualidade e política, se expandiram para diversos campos de intervenção pública, tais como a cultura, os direitos humanos, a educação e outras.

Este debate traz profundas reflexões sobre a promoção e educação em saúde e a luta pelos princípios de igualdade e liberdade na construção da cidadania. Além disso, as iniciativas no campo da arte e da cultura LGBTQTT agregam inovações importantes na construção de estratégias inovadoras de transformação social e enfrentamento político. Isto faz do debate sobre o enfrentamento dos preconceitos sexuais um ponto privilegiado para a compreensão das políticas públicas e a necessidade de intersetorialidade entre os diferentes campos de intervenção social e de um olhar analítico que considere os fenômenos humanos em sua integralidade. Por este motivo, apontando para a relevância do Nuances no cenário político da cidade, o grupo já foi objeto de pesquisa de dissertações, teses e artigos em campos de investigação variados (BARROSO, 2007; ANJOS, 2002;).

O seminário contou com a participação de diversos movimentos sociais, representantes dos poderes públicos federais, estaduais e municipais, professores acadêmicos, pesquisadores de graduação e pós-graduação, militantes, ativistas e público interessado em temas relacionados aos direitos humanos. A diversidade de atores

presentes no evento denota a importância que o tema da sexualidade vem cada vez mais adquirindo no cenário político e acadêmico e reforça a necessidade de espaços de reflexão que sejam capazes de articular diferentes realidades de trabalho, pautas políticas, formas de expressão e lógicas de atuação e pensamento.

A ação contou com o apoio da Rede Governo Colaborativo em Saúde da UFRGS e do grupo de pesquisa Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática (INCP) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a participação de membros do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX) e do Centro de Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero, Diversidade Sexual e de Raça (CRDH), ambos vinculados ao Instituto de Psicologia da UFRGS, e do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná. Para registrar as apresentações e debates, ampliando o alcance do que foi produzido, firmamos uma parceria com a Rádio Web Saúde Coletiva³ que filmou e fotografou todo o evento.

Desenvolvimento

A construção da ação foi orquestrada em torno do Seminário, realizado nos dias 28 e 29 de agosto de 2015, no auditório do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região Metropolitana. A organização do evento e a definição dos temas e convidados foi realizada conjuntamente por membros do grupo Nuances, professores e bolsistas do LAPPACS, por meio de trocas

3. "A Rádio Web Saúde (RWS) foi idealizada por um grupo de alunos do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no segundo semestre de 2010, visando transmitir informações sobre temas atuais e relevantes para a saúde da população brasileira utilizando uma linguagem simples. Sua programação é inteiramente disponibilizada apenas na internet, que pode ser acessada no mundo todo. Atualmente, a RWS foi institucionalizada, através de um projeto de extensão do bacharelado em Saúde Coletiva" (RWS, 2016). Disponível em: <<http://radiowebsaude.blogspot.com.br/>>. Acesso: 14 de abril de 2016.



Foto 3: Marcelly Malta e Indianara Siqueira durante o primeiro dia do seminário Fonte: Rádio Web Saúde Coletiva

e diálogos constantes. A programação buscou abordar os atuais desafios, tanto no sentido político conjuntural, como no sentido das várias construções e produção de conhecimento sobre o tema. Também incluímos nas mesas relatos de protagonistas por meio dos quais, história, arte, cultura e política se fizeram presente para dar sentido às histórias que o Nuances construiu nestes 24 anos de enfrentamento político. Ao longo do evento, a exposição das capas dos jornais produzidos pelo Nuances, foi destaque entre os convidados e convidadas do Seminário, despertando memórias de muitos militantes presentes.

A proposta das mesas foi estruturada de forma a estimular o debate e a interação, primeiramente, através dos movimentos sociais e representantes de entidades vinculadas à promoção dos direitos LGBTT, que resultou na mesa "O Movimento LGBTT do Rio Grande do Sul nas Ruas: ocupação dos espaços públicos e sociais como estratégia de resistência e militância" cuja pauta abordou as atividades que estão sendo desenvolvidas por

cada grupo representado, bem como as demandas e os desafios a serem enfrentados na atual conjuntura política e o papel do Estado. O Grupo Nuances, o Grupo Somos - Saúde, Educação e Sexualidade, a LBL - Liga Brasileira de Lésbicas, a ONG Outra Visão, ONG Criolos, o Diversxs, a Igualdade-RS - Associação de Travestis e Transsexuais do RS - e o Mundo Invisível, foram representados, respectivamente, por: Célio Golin, Bernardo Dall'Olmo de Amorim, Roselaine Dias, Thiago Fiorino/Priscila Leote, Perseu Pereira, Lucas Maróstica, Marcelly Malta e Monique Prada. Marina Reidel e Glória Crystal representaram a Secretaria da Justiça e Direitos Humanos e a Secretaria Adjunta da Livre Orientação Sexual, respectivamente. Roselaine Dias representou, também, o Conselho Nacional LGBTT e a Sociedade Civil do Conselho Estadual LGBTT.

Seguindo a programação, foram debatidas as trajetórias do Movimento LGBTT no Brasil e América Latina, com temas referentes a direitos sexuais, tanto no campo religioso, na educação e comportamento, com a participação do juiz federal e professor do Programa de Pós Graduação em Direito da UNIRITTER, Roger Raupp Rios, do professor da Universidade de Buenos Aires, Mario Martin Pecheny e da professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Regina Facchini, a mediação da mesa ficou sob responsabilidade de Célio Golin. Os três integrantes da mesa possuem vasta produção acadêmica, e também apresentam um histórico de envolvimento político com o tema, o que fez desta mesa um espaço bastante qualificado de discussão.

Mário Pecheny contextualizou a situação da população LGBT na Argentina, e trouxe dados levantados com base em leis e políticas públicas discutidas, aprovadas e aplicadas naquele país, relacionando mais especificamente à temática da saúde. Regina Facchini abordou como os fundamentalistas religiosos vêm trabalhando para retirar os temas LGBT dos Planos Municipais e Estaduais de educação no Brasil. Roger Raupp

Rios trouxe para o debate as questões atuais que estão em discussão no âmbito jurídico, como as aprovações de leis de proteção aos LGBTTs, e ainda fez um resgate histórico sobre o Nuances.

A programação do evento também contou com o “Workshop Geografias da Sexualidade e Queer, Interseccionalidades e Relief Maps⁴”, ministrado por William Hanke - GETE/UEPG. Primeiramente foi realizada uma abordagem teórica sobre as Geografias das Sexualidades, interseccionalidades; em seguida, foram apresentados alguns resultados da pesquisa de campo do mestrado em geografia, sistematização e organização de dados. Por último, foi proposto que cada participante da oficina desenvolvesse seu próprio Relief Map para debater os resultados com o grupo. O Relief Maps é uma ferramenta metodológica que evidencia de uma forma dinâmica o movimento das categorias identitárias através de espaços cotidianos vivenciados pelos sujeitos. Na tradução em português possui duplo sentido sendo tanto Mapas de alívio como Mapas de relevo (HANKE, 2016).

O segundo dia de seminário trouxe o desafio da pesquisa em gênero e sexualidades na educação, e as dificuldades de debater a temática em escolas das redes pública e privada. Intitulada “Educando para a Diversidade: o desafio de ensino de gênero e sexualidades na escola e ensino superior”, a roda de conversa propôs um debate horizontal entre os participantes e ouvintes, provocando reflexões sobre a importância da temática e o protagonismo dos pesquisadores. Este tema foi pensado como forma de debater uma das principais frentes de intervenção das políticas públicas no campo da sexualidade, tendo em vista os projetos de capacitação de professores que vêm sendo desenvolvidos em todo o Brasil.

Participaram da roda de conversa os seguintes pesquisadores e militantes: Ângelo Brandelli Costa, foi mediador do debate e apresentou os

4. Essa ferramenta metodológica foi criada por Maria Rodó-de-Zárate (2013) e tem por objetivo auxiliar na complexidade de se trabalhar o conceito de interseccionalidade.



Foto 4: Roda de Conversa Educando para a Diversidade | Fonte: Rádio Web Saúde Coletiva

resultados de sua pesquisa de doutoramento sobre preconceito de gênero e diversidade sexual na UFRGS; Meriene Moraes compartilhou as informações sobre sua pesquisa de mestrado referente às geografias do aborto; Lins Roballo falou sobre sua experiência na assistência social e na saúde, enfatizando os desafios nessas áreas para o acolhimento à diversidade sexual; Milena Oliveira, apresentou seu trabalho de conclusão do curso de Direito sobre a temática da violência contra mulher negra; Guilherme Gomes Ferreira, compartilhou a experiência de sua pesquisa de mestrado, realizada no Presídio Central de Porto Alegre, sobre travestis em situação de privação de liberdade; Eric Senger compartilhou a experiência como integrante do CRDH/NUPSEX e sua experiência pessoal como homem trans; William Hanke apresentou uma pesquisa, realizada durante sua graduação em geografia, sobre espaço escolar e preconceito homofóbico; Flávia Durgante compartilhou experiências de campo do mestrado em geografia sobre preconceito de gênero e sexualidades no ambiente escolar; Fabiano Barnart apresentou alguns resultados da pesquisa sobre assassinatos de mulheres travestis e transexuais no RS; Ana Paula Koetz, compartilhou a experiência enquanto residente em Saúde Coletiva - EducaSaúde/UFRGS, trabalhando com

oficinas de gênero e sexualidades, no âmbito do Programa Saúde na Escola, em parceria com o serviço de saúde e escolas públicas; Maurício Nardi Valle compartilhou parte do trabalho de campo do mestrado em Psicologia Social, sobre a história das Paradas Livres em Porto Alegre e, finalmente, Helen Santos, Tiago Rodrigues e Marília Saldanha, falaram sobre suas experiências no acolhimento do CRDH/Nupsex - UFRGS.

Importante ressaltar que a academia ocupa um lugar importante nos debates políticos e científicos sobre a sexualidade. Além de identificarmos a defesa da produção de um conhecimento politicamente engajado, por parte dos núcleos de pesquisa sobre o tema, vemos surgir diversos Grupos Universitários de Diversidade Sexual, que trazem para dentro da universidade o debate sobre a democratização das hierarquias sexuais.

A exibição do documentário *Nêga Lú*, produzido pelo Coletivo Catarse em parceria com o Nuances, antecedeu a próxima mesa⁵. Este documentário conta a história de uma personagem marginal da contracultura gay nas décadas

5. Disponível em: <<https://youtu.be/iQM0L8gPHwg>>. Acesso: 14 de abr. de 2016.

de 1970, 80 e 90, em Porto Alegre. Nêga Lú foi frequentadora de diversos espaços da cena *underground* e amiga de muitas *nuanceiras*. Uma “bicha” transgressora e revolucionária que circulava por vários mundos da capital e abalava em todos os espaços⁶. Uma celebridade popular que frequentava da Esquina Maldita aos bairros de periferia. De integrante do coral da UFRGS e da OSPA a pai de santo e rainha da Banda da Saldanha, no carnaval. Suas histórias estão vivas na lembrança da boemia da cidade. Como parte das atividades de comemoração, também foi realizada uma exibição do filme no Bar Ocidente.

Em seguida, transcorreu a mesa “Arte e Cultura LGBTT: estratégias de transformação social e enfrentamento político”. Nesta mesa, foi problematizado como a arte e a cultura podem ser ferramentas importantes, não somente na visibilidade da causa, mas através dela, para construir estratégias de transformação social. A produção que hoje temos no país sobre arte vem

trazendo para o cenário político cultural debates fundamentais de comportamento. Representando o Ministério da Cultura, Cláudia Schulz falou sobre propostas de diretrizes e ações estratégicas de atuação para o fomento, reconhecimento, valorização, intercâmbio e difusão de produções da comunidade LGBT. Sandro Ka e Márcio Tavares, importantes agitadores culturais locais, debateram a importância da arte LGBTT como enfrentamento político. A Cultura LGBTT foi abordada como estratégia de transformação social e enfrentamento político às opressões sofridas pela população LGBTT.

O seminário contou com a participação da artista e cantora trans Valéria Houston Barcellos, que fez a apresentação musical ao longo do “coquetel” de encerramento. Durante sua apresentação, também debateu o protagonismo e a relevância das “Drag Queens” com a participação de Candy Diaz e Cassandra Calabouço, ambas cerimonialistas e mestras do improviso ao longo do seminário.

6. De acordo com o “Dicionário das Monas Travestis”, publicado na cartilha sobre Ética Profissional Para Travestis e Transexuais, criado em parceria entre a Secretaria Adjunta de Livre Orientação Sexual (SALOS) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a ONG Igualdade - Associação de Travestis e Transexuais do RS: abalar significa fazer bem feito.

Considerações Finais

Com mais de 200 participantes ao longo dos dois dias, o “Seminário Internacional - Êba! Viado



Foto 5: Coquetel de Encerramento | Fonte: Rádio Web Saúde Coletiva

na Pista - Nuances 24 anos nas ruas” provocou debates, reflexões e discussões acaloradas sobre a atual conjuntura política, os direitos conquistados e as políticas públicas a serem conquistadas no âmbito LGBT, sempre buscando articular os temas de saúde, educação, cultura e sexualidade.

Os debates realizados ressaltaram a relevância do evento para o aprofundamento de temas relacionados à sexualidade, ao enfrentamento ao preconceito, às políticas públicas, aos movimentos sociais, dentre outros. Para ampliar a visibilidade da ação e, conseqüentemente, sua relevância, foi criado um blog para divulgar e arquivar fotos, vídeos e outros materiais produzidos para o evento. Os Vídeos foram registrados e editados em parceria com a Rádio Web Saúde durante o seminário, e foram disponibilizados através da rede social Facebook, nas fanpages do LAPPACS⁷ e do Grupo Nuances⁸.

Inicialmente o projeto incluía também a proposta de realização de quatro sessões de filmes seguidos de debate, porém, por problemas logísticos tivemos que cancelar estas atividades. As comemorações incluíram também três encontros de outro projeto de extensão do LAPPACS,

intitulado História de Vida e Ação Política, que preparou um bloco com relatos de vida com três militantes LGBTT. Este projeto será discutido futuramente em outro artigo.

Como um desdobramento do seminário, estamos organizando um livro, que pretende aprofundar e sintetizar os principais pontos abordados no evento. Pensando sobre a complexidade do tema e a diversidade de atores que participaram dessa ação, este livro será composto por trabalhos acadêmicos e relatos de experiências dos militantes. O livro será publicado em parceria com a Editora Rede UNIDA e sairá nos formatos impresso e digital, com previsão de lançamento para o final de 2016, durante o seminário de 25 anos do Nuances que já está sendo planejado.

Os processos e produtos alcançados por tudo que envolveu esta ação nos levam a reafirmar a importância da extensão universitária como forma de revitalizar e dar sentido para o cotidiano acadêmico. Hoje compreendemos a indissociabilidade do tripé - ensino, pesquisa e extensão - e a necessidade de romper a barreira entre as ciências, incentivar a interdisciplinariedade das ações extensionistas, qualificar as reflexões propostas pelas ações e, também, consolidar a busca por demandas socialmente exigidas para promover a articulação entre os mais variados saberes sociais. ◀

7. LAPPACS no Facebook: <https://www.facebook.com/lappacs>

8. Nuances no Facebook: <https://www.facebook.com/nuanceslgbts>

Referências

ANJOS, G. Homossexualidade, direitos humanos e cidadania. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, nº 7, p. 222-252, 2002.

BARROSO, F. L. A. **Jornal do Nuances** - a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre - RS para o confronto político entre o “gay classe média” e a “bicha bafona”. Doutorado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2007.

HANKE, William. **Espaço, interseccionalidades e vivência cotidiana de homens gays na cidade de Ponta Grossa** - PR. Mestrado em Gestão de Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. **Relief Maps**: developing Geographies of Intersectionality. *Gender, Place and Culture*. v. 21, n. 8, p.1-32, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Eficiência energética e hidráulica em saneamento

Marcelo Giulian Marques: Instituto de Pesquisas Hidráulicas - UFRGS

Doutorandos em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental: Mariane Kempka, Joice Kuritza e Raynner Lopes

Mestranda em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental: Elisa Alberton Machado

Acadêmicos de Engenharia: Eduardo Pivatto Marzec, Gabriel Lombardi, Guilherme Serpa Azambuja, Guilherme Castiglio, Pedro Zulian Lunardi.

A energia elétrica é fundamental para a produção de água para os Sistemas de Abastecimento de Água (SAA) e está presente em todas as fases da produção, pois é necessária para a captação, adução, transporte, tratamento e distribuição da água.

Em função do aumento dos problemas de disponibilidade dos recursos hídricos em relação ao crescimento populacional e a crise energética, é necessária a adoção de medidas que busquem eficiência energética e hidráulica em todos os setores e atividades.

No setor de saneamento, os centros urbanos vêm apresentando um aumento da demanda no abastecimento de água potável e, consequentemente, na coleta, tratamento e disposição final do esgoto sanitário. Essas atividades representam um grande consumo de energia elétrica, cerca de 2,5% do consumo total do país, equivalente a manter, hoje, aproximadamente 5 turbinas de Itaipu gerando energia somente para esta atividade. Cerca de 80 % a 90% dessa energia é consumida nos sistemas de bombeamento de água e de esgoto dentro dos centros urbanos, equivalendo a aproximadamente 4 turbinas de Itaipu.

A despesa com energia elétrica é uma das principais despesas dos SAA. Entretanto, milhões de reais poderiam ser economizados com um melhor gerenciamento das tarifas de energia, sem nenhum kWh de economia, mas com redução do valor pago pela energia consumida. Estima-se, que **cerca de 25% da energia usada em estações de bombeamento é desperdiçada devido à ineficiência mecânica e elétrica. Avalia-se a possibilidade um potencial de redução do consumo de energia da ordem de 50%** (equivalente ao que é gerado por 2 turbinas de Itaipu), através de medidas como:

- Redução de perdas reais de água nos SAA, os municípios brasileiros apresentam índices médio de perdas reais, entorno de 1,6.
- Redução de altura manométrica de bombeamento (desnível geométrico + perdas de carga nas tubulações), através da adequação de diâmetros das tubulações, de válvulas, etc., quando for constatada a viabilidade econômica, visando a redução das perdas de carga do sistema;
- Modulação de carga e uso de conversores de frequência;
- Recuperação e implantação de Sistemas de bombeamento eficientes, através do dimensionamento adequado das bombas, da reservação

e, também, do melhor uso de equipamentos de medição, controle e automação, e adoção de Motores mais eficientes.

No Brasil, este problema vem sendo combatido através do Programa de Conservação de Energia Elétrica (PROCEL) e do Programa Estadual de Racionalização do uso de Energia Elétrica. O PROCEL estabeleceu uma meta de redução de 15% no desperdício de energia elétrica para o setor de saneamento básico para os próximos anos. Além de incentivar a criação de Laboratórios de Eficiência Energética e Hidráulica no Saneamento (LENHS) em vários estados do Brasil (MG; MS; PA; PB; PR; RJ; RS; SC e TO) os quais têm como objetivo atuar na capacitação de profissionais, no desenvolvimento de pesquisas e extensão, divulgação e transferência de tecnologia na área de conservação de água e energia elétrica no saneamento, com destaque aos sistemas de bombeamento.

Consumo de energia elétrica X Produção de água

A eficiência energética em hidráulica tem como objetivos a redução do consumo de energia e de água, a redução de custos por intermédio do combate aos desperdícios e incrementos na eficiência dos sistemas e dos equipamentos, reduzindo despesas e aumentando a competitividade setorial.

A eficiência e a otimização dos custos com o uso da energia elétrica no SAA podem ser alcançadas de três formas, que devem atuar simultaneamente nos sistemas de bombeamento, a saber:

1ª) Ação administrativa – não representam redução no consumo de energia, mas reduzem os custos:

- Correção da classe de faturamento;

- Regularização da demanda contratada;
- Alteração da estrutura tarifária (azul, verde...);
- Desativação das instalações inativas há mais de 6 meses;
- Conferência de leitura da fatura de energia elétrica;
- Entendimentos com as companhias fornecedoras de energia elétrica para redução de tarifas.

2ª) Ação direta – permite a redução do consumo de energia no sistema de bombeamento através da utilização de instalações bem projetadas sobre o ponto de vista da eficiência hidráulica e energética, por exemplo:

- Tubulações com diâmetros bem dimensionados;
- Manter a tubulação em bom estado de conservação quanto à rugosidade interna;
- Adotar parâmetros de concepção de projeto e de operação otimizados, em relação à pressão necessária ao sistema de distribuição;
- Verificar a necessidade de variar a velocidade dos motores elétricos de modo a adequar o ponto de funcionamento da bomba ao seu máximo rendimento, conforme a variação da demanda (procedimento mais usual para abastecimento em marcha);
- Escolher o conjunto moto-bomba com melhor rendimento para o ponto de trabalho desejado, considerando as diversas condições possíveis de operação;
- Redução do volume de água consumido através do controle de perdas por vazamento e pelo uso racional da água.

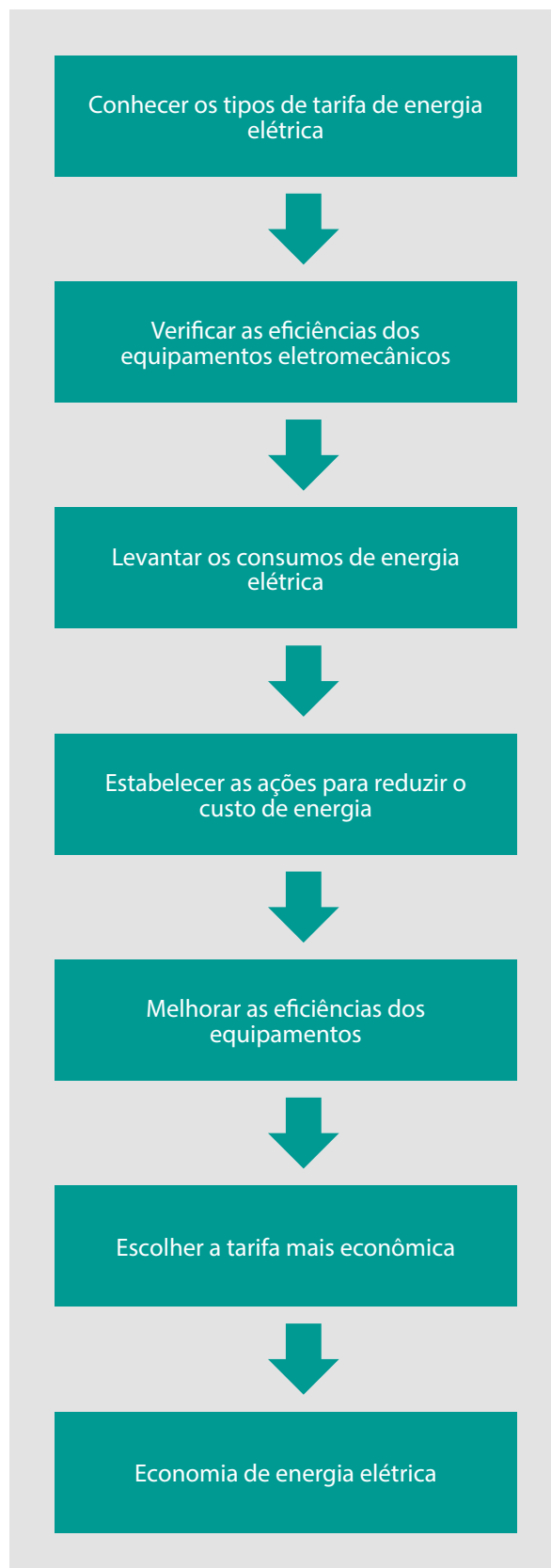


Figura 1: Esquema para eficiência energética e hidráulica e redução de custos e de energia

3ª) Ação operacional indireta - não poupa energia em quantidade, apenas a utiliza de modo mais econômico.

- Através da otimização da vazão de bombeamento e da reservação, de modo que seja feita a paralisação ou redução da vazão bombeada na hora da ponta de energia (18:00 a 20:59), onde o custo da energia é mais caro. Essa ação deve ser feita sem prejuízo do abastecimento, possibilitando à companhia de energia um melhor equilíbrio na distribuição de energia resultando, também, em economia para a companhia em função da redução do consumo da energia no horário de ponta.

Para qualquer uma das abordagens e soluções propostas deve ser feita uma análise da

viabilidade econômica por meio do valor presente líquido (VPL) ou pela taxa interna de retorno (TIR), uma vez que o investimento a ser feito para se conseguir a redução do consumo de energia pode, eventualmente, não compensar a redução da despesa com a energia elétrica. O que não traria benefício algum visto que o objetivo é reduzir o custo que o sistema demanda.

A Figura 1 apresenta um esquema para a realização de eficiência energética e hidráulica para redução de custos.

Indicadores de eficiência

Para a análise da eficiência energética e hidráulica são utilizados os indicadores de eficiência do



Figura 2: Visão geral da bancada de ensaios do LENHS/UFRGS



Figura 4: Malha de abastecimento do LENHS



Figura 3: Conjunto motobomba da malha de consumo do LENHS

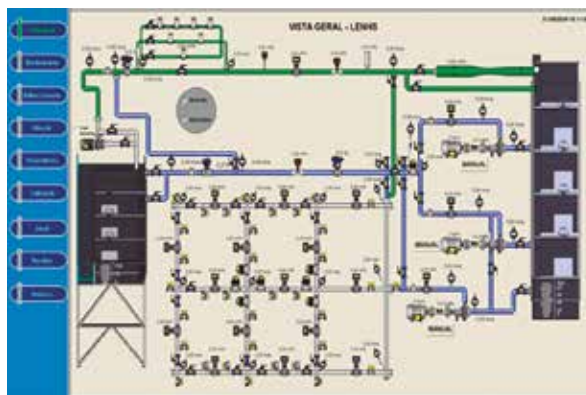


Figura 5: Software de controle dos instrumentos do LENHS

Sistema Nacional de Informações Sobre Saneamento – SNIS. Os mais usuais são:

- Índice de despesa por consumo de energia elétrica nos sistemas de Água e Esgotos, em R\$/kWh (reais por quilowatt hora), Tem como finalidade aferir com que eficiência a empresa está adquirindo energia, considerando que para elevatórias a partir de determinada potência instalada as concessionárias de energia elétrica oferecem vantagens no preço para compromissos de não operarem ou para reduzirem a rotação em determinadas horas do dia (horário de ponta).
- Índice de consumo de energia elétrica em sistemas de abastecimento de água, em kWh/m³ (quilowatt hora por metro cúbico bombeado). Tem por finalidade indicar a performance dos equipamentos de bombeamento do sistema em termos de rendimento, além da concepção do próprio sistema, uma vez que valores elevados desse indicador podem significar perdas de carga excessivas nas linhas de recalque ou má concepção de zonas de pressão (excesso de bombeamentos). Mostra-se útil para acompanhar séries temporais de uma determinada estação de bombeamento. Porém, não permite a comparação entre sistemas com características físicas diferentes.
- Despesa de exploração por metro cúbico bombeado, em R\$/m³ (reais por metro cúbico bombeado). Análogo ao custo unitário de energia, indica uma relação entre o preço dos serviços feitos por uma companhia fornecedora de energia elétrica por metro cúbico de água bombeado na rede de distribuição.
- O fator de potência, indicador que, varia de 0 a 1, e mostra a quantia de energia que é perdida em um conjunto moto-bomba apenas por gerar calor e não trabalho. Procura-se manter esse fator acima 0,92 de modo a evitar o pagamento de multa por excesso de energia reativa.

Laboratório de Eficiência Energética e Hidráulica em Saneamento – UFRGS

Dentro deste cenário, foi criado na UFRGS, em 2010, o Laboratório de Eficiência Energética e Hidráulica em Saneamento - LENHS/ UFRGS, conforme se pode ver na figura 2 com apoio da ELETROBRÁS.

O LENHS desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas ao uso eficiente de energia e água no saneamento. Tem como objetivo pesquisar maneiras de combater os desperdícios e incrementar a eficiência energética e hidráulica de sistemas e equipamentos, reduzindo custos e aumentando a competitividade setorial gerando economia de energia e de recursos naturais.

O LENHS atua em diversas áreas, como:

- Treinamento e capacitação de pessoal envolvido no projeto e operação de sistemas de abastecimento, utilizando para isso as instalações didáticas do laboratório;
- Utilização das instalações do LENHS em disciplinas de graduação, pós-graduação e cursos de extensão, de forma fazer a divulgação e transferência tecnológica desencadeando um efeito multiplicador das ações realizadas;
- Orientação de trabalhos de iniciação científica, monografias de conclusão de cursos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, voltadas à eficiência energética e hidráulica;
- Desenvolvimento de pesquisas e novas tecnologias destinadas ao incremento da eficiência energética e hidráulica no saneamento;
- Realização de estudos para aferir a

eficiência energética de equipamentos elétricos e hidráulicos aplicáveis em SAA;

- Realização de diagnósticos energéticos em instalações de saneamento, propondo melhorias e soluções;
- Desenvolvimento de atividades voltadas para o uso eficiente de energia elétrica e de água nas instalações da própria instituição de ensino;
- Divulgação dos resultados obtidos com a capacitação laboratorial em eventos nacionais e internacionais.

Estrutura Física do LENHS

O LENHS é composto por uma bancada de ensaios fixa (Figura 2) e uma bancada móvel para medições em campo. A bancada de ensaios é composta por um sistema de bombeamento (Figuras 2 e 3) ligado a uma malha de abastecimento (Figura 4) e a dois reservatórios (inferior e superior). Essa bancada permite a simulação da operação de um sistema genérico de abastecimento de água de uma cidade e do monitoramento das grandezas elétricas, mecânicas, hidráulicas para diferentes configurações, condições de controle e operação de maneira a permitir a comparação e verificação de conceitos de eficiência energética e hidráulica.

O controle da bancada é feito de forma remota através de uma sala de operação que possui softwares de automação e controle, que supervisionam as principais variáveis envolvidas no processo (Figura 5) em multi-estações de trabalho, além de permitir a alteração de dados, as funções mecânicas, elétricas e hidráulicas do sistema, as rotações das bombas por inversor de frequência, a abertura das válvulas, as medições de vazão, as pressões nas tubulações e as imagens das câmeras.

Considerações finais

Os recursos hídricos e energéticos estão fortemente relacionados em todos os setores produtivos. Por outro lado, a energia para o abastecimento de água com qualidade e eficiência nos SAAs tem um peso significativo para a gestão das companhias, sendo, a administração eficiente destes recursos, fundamental para o desenvolvimento sustentável do setor e do país.

No Brasil, a participação das despesas com eletricidade em SAAs tem aumentado constantemente nos últimos anos, consequência de um aumento da demanda de água e sistemas precários que não acompanharam esse crescimento. Este cenário procede da pequena disponibilidade de águas superficiais limpas próximas aos SAAs e da qualidade da água exigida na maioria das regiões brasileiras. Outro aspecto a considerar é que a ineficiência do uso da energia elétrica nos SAAs no Brasil está em grande parte relacionada aos elevados índices de perdas de água nas redes de distribuição destes sistemas e, também, as condições de perda de carga elevada.

Apesar de o elevado índice de perdas, historicamente a preferência tem sido de ampliar a capacidade de produção dos SAAs por meio de onerosas obras de expansão, em detrimento dos programas de controle e redução de perdas e de desenvolvimento operacional. Essa revisão, nos sistemas atuais, poderia gerar os mesmos benefícios, a custos substancialmente inferiores, enquanto que a ampliação mantém ou, até mesmo, aumenta o índice de perdas.

Ainda existe um grande caminho a ser percorrido para que o setor de saneamento no Brasil incorpore práticas de eficiência energética e hidráulica em seus processos produtivos. Para que as ações de eficiência energética nos SAAs realmente se disseminem, será necessária uma divulgação mais ampla, transferência de tecnologia e mudança de consciência dos profissionais da área, pois as ações ainda são discretas e, quando implementadas, estão restritas aos grandes SAAs das regiões metropolitanas do país. ◀



Jogos lógicos de tabuleiro como instrumento pedagógico e recreativo para todas as idades

Liliane F. Giordani: Faculdade de Educação - UFRGS
Renato P. Ribas: Instituto de Informática - UFRGS
Acadêmica de Pedagogia: Flávia D'Arco Gomes

Nos tempos atuais, com o avanço das tecnologias de comunicação e o acesso cada vez mais fácil e rápido à informação, o valor do conteúdo como conhecimento tem demandado mais esforços para a promoção de espaços de aprendizagem que potencializem o desenvolvimento

do raciocínio lógico e do pensamento crítico. Em termos de conteúdo, praticamente tudo pode ser descoberto e aprendido com o auxílio da Internet. Porém, ter um raciocínio analítico e lógico para usar eficientemente este saber e nos auxiliar nas escolhas e decisões requer mais do que leitura e acesso à informação, é necessário um exercício

mental diário, uma aeróbica neuronal. Estar com a mente ativa e criativa auxilia no desenvolvimento de projetos pessoais e profissionais, bem como na construção de oportunidades e perspectivas. Em todas as faixas etárias, o exercício e o aprimoramento de tal capacidade tem impacto direto na qualidade de vida das pessoas.

O Programa de Extensão da UFRGS “Jogos Lógicos de Tabuleiro” (LoBoGames) iniciou, informalmente, em 2012, com atividades pontuais e como uma das oficinas promovidas pelo Projeto de Extensão “Atelier Pedagógico”, sendo registrado em 2013, como um Projeto de Extensão próprio, e como Programa de Extensão no biênio 2014/2015. O crescente interesse do público em geral em relação às atividades propostas tem surpreendido, com potencial de aplicação nos mais diversos eixos de atuação como atividade recreativa, escolar educativa, socialização de grupos, formação de lideranças, dentre outros.

Jogos – módulos e modalidades

É quase uma centena de jogos lógicos de tabuleiro (ou jogos abstratos de estratégia), do mundo todo, organizados didaticamente em módulos segundo seu princípio de funcionamento e em ordem crescente de complexidade. Fazem parte desta proposta desde jogos populares como Dama e Xadrez, até jogos menos conhecidos como Pong HauK'i (China e Coréia) e o Mu Torere (Nova Zelândia). Cabe mencionar, em particular, o Jogo-da-Onça, que é o único jogo de tabuleiro encontrado entre os indígenas brasileiros.

Além do tradicional jogo sobre a mesa, no qual há uma disputa individual entre os participantes, são apresentadas também as modalidades do “jogo gigante” e do “jogo vivo” (ou humano). No jogo gigante, com o tabuleiro desenhado no chão e com peças grandes (como garrafas PET), é possível realizar as disputas em duplas ou em trios criando



Figura 1: Módulos dos jogos de tabuleiro definidos no Programa.



Figura 2: Presença dos jogos de tabuleiro no UFRGS Portas Abertas 2014.

assim um espírito de equipe e de negociação entre os pares para a escolha da melhor jogada. Já no jogo vivo as pessoas são as próprias peças do tabuleiro e quem está do lado de fora não interfere nas decisões das jogadas. As relações interpessoais são intensificadas possibilitando interações sociais a fim de melhorar a convivência de grupos. Nesta modalidade, diferentes perfis podem ser identificados entre os jogadores, sendo assim um ótimo exercício para autoconhecimento pessoal e conhecimento do grupo.

Atuação e atividades promovidas

Dentre as atividades promovidas pelo Programa LoBoGames estão a atuação escolar diretamente com os alunos (desde a educação infantil até o ensino médio), a formação de professores, oficinas com idosos, atividades recreativas em festividades (para todas as idades), atividades com grupos escoteiros e associações comunitárias, entre outras. Nos últimos dois anos foram registrados mais de 1.500 pessoas em contato direto com as atividades propostas pelo projeto, sendo mais de 150 professores formados.

A atuação deste Programa de Extensão está diretamente ligada ao ensino através da formação de professores do ensino fundamental de Porto Alegre e da região noroeste do RS (Santa Rosa, Santo Cristo, Giruá e Alecrim), que, por sua vez, multiplicam as atividades para os seus alunos. Em agosto de 2014, foi realizada no Instituto Federal Farroupilha, em Santa Rosa, RS, a 1ª Olimpíada Escolar de Jogos Lógicos de Tabuleiro com a participação de 24 escolas da região, sendo 30 equipes (300 crianças) divididas em 4 categorias por faixa etária (três do ensino fundamental e uma da educação infantil). Foram disputas por equipes (escolas), ao invés de individuais, nas 3 modalidades (mesa, gigante e vivo). Em novembro de 2015, realizou-se a 2ª edição desta Olimpíada em Santo Cristo, RS, com a participação de todas as escolas da rede municipal, envolvendo cerca de 200 alunos. Não se tem conhecimento de evento similar já realizado em outro lugar.

A criação de jogos de mesa e gigante com material reciclável bem como o trabalho artístico também é um espaço explorado pelo Programa. Madeira, tecido, lona e outros materiais são

utilizados para a confecção de tabuleiros. Tem-se trabalhado também tabuleiros para pessoas de baixa visão e cegas.

Estão sendo realizadas ainda atividades de investigação através do projeto de pesquisa “Jogos de Tabuleiro – imersão no território escolar”, com o objetivo de avaliar o impacto do uso deste instrumento pedagógico no contexto escolar, tanto no cognitivo quanto na integração e socialização dos alunos (GIORDANI, 2015).

A contribuição dos jogos de tabuleiro

Os relatos dos participantes juntamente com o seu interesse e envolvimento têm comprovado o potencial desses jogos como instrumento educativo e recreativo, conforme discutido em (OLIVEIRA, 2004).

Tem sido observado um impacto positivo no processo de socialização de grupos, mesmo quando de faixas etárias heterogêneas. Apesar dos jogos envolverem disputas, o que leva a possibilidade de ganhar e perder, raramente, tem-se vivenciado situações de conflito. É como se aquele (a) que tivesse perdido a disputa (indivíduo ou equipe) não precisasse assumir para si próprio a culpa pelo insucesso, algo como “falhei na minha análise lógica”. Ou seja, o mérito não é necessariamente delegado a um adversário mais forte, mas assume-se que a perda da disputa significa que é necessário todo o grupo prestar mais atenção nas próprias jogadas.

Outro fator interessante observado na prática da modalidade do jogo vivo (em equipe), quando as peças são as pessoas e quem está fora não



Figura 3: 1ª Olimpíada de Jogos de Tabuleiro 2014, Santa Rosa, RS, modalidade jogo gigante.

pode opinar, é a observação de perfis, posturas e personalidades. Esta relação interpessoal resulta em um processo de socialização e integração interessante nos grupos.

Por fim, o custo do material envolvido é bastante baixo, pois representam tabuleiros em papel e tampas de garrafa PET para os jogos na mesa, as próprias garrafas PET e fitas adesivas para os jogos gigantes e vivo. Esta proposta pode ser facilmente reproduzida em multiplicada por interessados utilizando-se das informações disponíveis em www.inf.ufrgs.br/lobogames.

Este projeto já foi apresentado em diversos eventos de extensão, como no Congresso Brasileiro de Extensão Universitária 2014, nas edições de 2014 e 2015 do Salão de Extensão Universitária da Região Sul - SEURS, nos Salões de Extensão da UFRGS 2013, 2014 e 2015, no UFRGS Portas Abertas 2014 e 2015. Além disso, o projeto esteve presente nas atividades da equipe de rondonistas da UFRGS, na Operação Bororos do Projeto Rondon, em Barra dos Bugres, MT, de 13 a 24 de julho de 2015. ◀

Referências

- GIORDANI, Liliane F. Movimentos no currículo, formação de professores e outras aprendizagens. In **6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação (SBECE)**, 1 a 3 de junho de 2015, Canoas, RS.
- OLIVEIRA, Vera Barros de. **Jogos de regras e a resolução de problemas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª ed., 2004.

Museu de Topografia: 20 anos de participação na vida acadêmica da UFRGS

Iran Carlos Stalliviere Corrêa: Museu de Topografia - UFRGS

No dia 24 de maio de 1996, professores do Departamento de Geodésia do Instituto de Geociências da UFRGS solicitaram ao plenário do mesmo, a criação do **Museu de Topografia**, com o objetivo de contribuir para a formação da consciência social sobre os valores inestimáveis do patrimônio técnico-científico e sua preservação.

A maior parte do acervo exposto hoje no Museu teve origem com a criação da Escola de Engenharia em 10 de agosto de 1896, onde iniciou-se

a aquisição dos equipamentos para o desenvolvimento da disciplina de Topografia. A maior parte desse acervo foi adquirida pelos professores Lélis Espartel e João Lüderitz, ambos, professores catedráticos da então Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS).

Posteriormente, com a reforma Universitária, implantada a partir de 1970, a disciplina de Topografia, que era disciplina vinculada e ministrada por cada Faculdade ou Escola, passou a ser responsabilidade do então criado Instituto de Geociências.

Essa disciplina e todos os equipamentos existentes nas Escolas e Faculdades da UFRGS, que a lecionavam anteriormente, passaram a ficar sob a responsabilidade do Departamento de Geodésia do Instituto de Geociências da UFRGS.

Em 07 de janeiro de 2003, o Departamento de Geodésia acolheu proposta, para que o Museu de Topografia fosse denominado de **Museu de Topografia Professor Laureano Ibrahim Chaffe**.

O professor Laureano Ibrahim Chaffe nasceu no dia 15 de abril de 1928, na cidade de Pelotas-RS e graduou-se em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia da UFRGS, no dia 15 de dezembro de 1952. Teve seu ingresso na Universidade do Rio Grande do Sul, no dia 18 de março de 1958, sendo contratado como Colaborador de Ensino da cadeira de Topografia da Escola de Engenharia da UFRGS e, em 02 de dezembro de 1964, teve sua progressão para Professor Assistente.

Em 15 de maio de 1968, o professor Laureano Ibrahim Chaffe assumiu a regência da cadeira nº 15 (Topografia), da Escola de Engenharia da UFRGS devido à vacância da mesma em virtude do falecimento do professor Saul Fernandes Sastre.

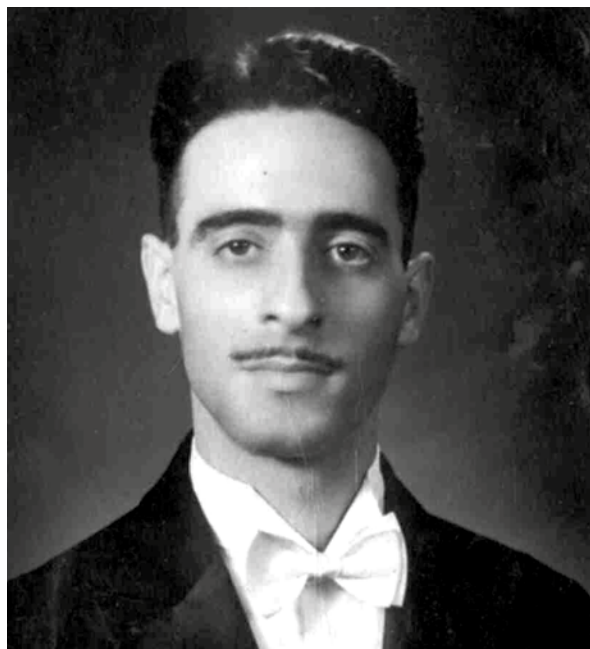


Figura 1: Prof. Laureano Ibrahim Chaffe | Foto: Família Chaffe

Em 14 de setembro de 1970, teve sua lotação transferida para o Departamento de Geodésia do Instituto de Geociências da UFRGS, devido à reforma universitária ter criado o respectivo Departamento, o qual englobou a disciplina de Topografia de todos os cursos da UFRGS.

Em 16 de março de 1972, ele foi eleito para seu primeiro mandato como Chefe do Departamento de Geodésia do Instituto de Geociências da UFRGS, tendo sido reeleito por vários mandatos. Em 23 de dezembro de 1974, foi eleito representante do Departamento de Geodésia junto a Comissão de Carreira de Geologia e Geografia do Instituto de Geociências da UFRGS.

No Departamento de Geodésia, o professor Laureano Ibrahim Chaffe, ministrou durante toda sua permanência junto ao mesmo, as disciplinas de Topografia I e Topografia II, para o Curso de Engenharia Civil, sendo regente das mesmas por várias vezes. Em 16 de abril de 1986, recebeu a Portaria nº 504 da UFRGS, concedendo-lhe sua aposentadoria.

A designação do Museu de Topografia com o nome do professor Laureano Ibrahim Chaffe foi dada em reconhecimento aos inestimáveis serviços prestados pelo referido professor ao Departamento de Geodésia e ao Instituto de Geociências. A UFRGS e a comunidade acadêmica, em especial os Engenheiros Civis, que passaram por suas aulas durante seus 28 anos de magistério, também reconhecem o seu trabalho. Foi um dos professores responsáveis pela guarda de todo o acervo de equipamentos antigos existentes na área de topografia, antes e após a Reforma Universitária.

O Museu encontra-se instalado nas dependências do Departamento de Geodésia do Instituto de Geociências da UFRGS, no Campus do Vale da Agronomia. Seu acervo encontra-se exposto em armários-vitrine no corredor do Departamento, localizado na Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43136, na cidade de Porto Alegre-RS.

Pela Declaração de Caracas - 1992, a entidade Museu é considerada como uma instituição idônea que serve para resgatar o patrimônio, estudá-lo, documentá-lo e difundi-lo através de mensagem coerente, que se apoie nos objetos como forma essencial de comunicação.

A função museológica pode ser considerada como o processo de comunicação que explica e orienta as atividades específicas do Museu, tais como a coleção de obras, a conservação e a exibição do patrimônio cultural e natural. Desta forma os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaço e meio de comunicação que serve para o estabelecimento da interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais.

Dentro do espírito da UFRGS, o Museu atende os objetivos do ensino, pesquisa e extensão, e tem como funções:

- a) organizar, preservar e ampliar o acervo do Museu, que se constitui de peças de interesse para as ciências geodésicas, topográficas, cartográficas e geológicas incluindo equipamentos, cartas, mapas, fotos aéreas, imagens orbitais de sensoriamento remoto, maquetes, tabelas, livros e trabalhos desenvolvidos por alunos e professores;
- b) apoiar as atividades didáticas do Departamento de Geodésia, em suas aulas de graduação e pós-graduação;
- c) incentivar e estimular as pesquisas e estudos utilizando o acervo do Museu;
- d) tornar conhecido este acervo através da realização de exposições e eventos de divulgação, permanentes ou itinerantes;
- e) firmar acordos e contratos com entidades congêneres e outras de caráter público ou particular, nacionais ou estrangeiras, para realização de programas de intercâmbio e cooperação;



Figura 2: Placa do Museu | Foto: Iran Corrêa



Figura 3: Teodolito-Trânsito de fabricação inglesa | Foto: Iran Corrêa



Figura 4: Bússola com relógio de sol de fabricação francesa | Foto: Iran Corrêa

f) oferecer serviços à comunidade, no âmbito de sua especialidade e possibilidades.

Hoje o Museu conta com um acervo constituído por numerosas e valiosas peças que ao longo dos séculos XIX e XX, serviram para a execução dos trabalhos práticos das disciplinas ligadas a Topografia, Cartografia, Geodésia, Hidrografia e Fotogrametria. Os instrumentos integram um rico patrimônio acumulado desde fins do século XIX, que certifica a evolução histórica dos equipamentos que tornaram possível o desenvolvimento das operações relacionadas com aquelas ciências no nosso país. É um Museu que pode ser considerado temático no âmbito dos instrumentos de medição da Terra, que o torna certamente único no gênero em Porto Alegre-RS, sobretudo pela raridade de algumas das suas peças.

Nesse ano o Museu de Topografia comemora seus 20 anos de existência, dedicado à divulgação das ciências Geodésicas e à comunidade acadêmica e profissional. O público alvo do Museu são os estudantes das áreas das ciências exatas, como Engenharia Civil, Engenharia de Minas, Engenharia Cartográfica, Geologia, Geografia e Arquitetura, bem como os alunos de escolas públicas e particulares do ensino fundamental.

O Museu tem recebido inúmeros alunos provenientes de escolas públicas e particulares da região metropolitana de Porto Alegre, no ano de 2015, recebemos em torno de 255 alunos. Também tem se dado diariamente a visita dos alunos da UFRGS que desenvolvem disciplinas junto ao Departamento de Geodésia, dos quais não temos uma estatística devido ao Museu ser passagem para as salas de aula. Participamos do programa Portas Abertas da UFRGS, que acolhe estudantes que visitam a Universidade para conhecer seus laboratórios, prédios e cursos, no ano de 2015 foram mais de 80 pessoas em um único dia. Ainda, em atividades de extensão, participamos também da Semana dos Museus, da Primavera dos Museus e da Exposição Coleção de Saberes realizada pelo Museu da Universidade.

O Museu recebe solicitações continuadas de alunos do curso de Museologia da UFRGS para o desenvolvimento de seus trabalhos de conclusão. Organizou e participou de várias comemorações como o Jubileu de Ouro de Criação da Escola de Geologia, o Jubileu de Ouro da Primeira Turma de Geólogos formada no Brasil e de homenagens a professores do Instituto de Geociências, pelos seus relevantes serviços à comunidade universitária. Por meio de projetos de extensão, regularmente registrados na Universidade, também temos realizado, várias exposições temporárias sobre os mais variados assuntos de interesse da comunidade, divulgando o conhecimento e o saber. Entre estas exposições podemos citar algumas, como: “Relógio de Sol na História da Humanidade, História dos Satélites Artificiais, O Brasil de 1500 a 2000 através de Mapas, História da Fotogrametria, História da Agrimensura, O Aquecimento Global e suas Consequências”, dentre outras.

O Museu de Topografia é dirigido pelo Conselho do Museu, formado pelo Diretor do Museu e mais dois representantes docentes do Departamento de Geodésia, com seus respectivos suplentes. Conta com a colaboração de um técnico-administrativo e duas desenhistas, todos lotados no Departamento de Geodésia e que auxiliam na montagem e realização das exposições e na manutenção e preservação dos equipamentos e mapas catalogados.

Atualmente, o Museu faz parte do Sistema Estadual de Museus (SEM-RS), do Sistema Brasileiro de Museus (SBM) e da Rede de Museus e Acervos da UFRGS (REMAM), conta com uma página eletrônica, <http://www.ufrgs.br/museudetopografia>, onde divulga a história da topografia e de suas atividades relacionadas, exposições temporárias e trabalhos elaborados pela equipe.

O Museu tem recebido, desde sua fundação, doações de ex-professores, ex-alunos e mesmo de pessoas externas a UFRGS e que utilizaram a Topografia como meio de trabalho em suas vidas. A esses deixamos aqui a nossa eterna gratidão. ◀



Tornar-se plantonista e psicanalista: a experiência de uma estudante de psicanálise no plantão psicológico da UEL

Maíra Bonafé Sei: Departamento de Psicologia e Psicanálise - Universidade Estadual de Londrina - UEL
Acadêmica de Psicologia: Maria Lúcia Mantovanelli

O Plantão Psicológico é um serviço que possibilita a criação de um espaço de acolhimento da experiência do sujeito, no momento da crise, com o intuito de clarificar a demanda deste. A Clínica Psicológica da UEL oferta este serviço desde 2015 possibilitando o atendimento à comunidade

interna e externa. Por ser um projeto de extensão, o serviço proporciona aos plantonistas do quarto e quinto ano de Psicologia a experiência dessa modalidade de clínica.

O objetivo desse texto é narrar a experiência de uma estudante de psicanálise do quarto ano

dentro do Plantão Psicológico, o que resultou em considerações a respeito da psicanálise em outras instituições fora dos *settings* tradicionais; e a importância dessas experiências para que os currículos de Psicologia adotem práticas de clínica ampliada para a modalidade Plantão, sendo essa uma ênfase viável na psicanálise.

A Psicologia se organiza como um campo do saber cujas práticas se inserem em variados cenários, estabelecendo conexões com a saúde, educação, assistência social, direito, sendo concebida ora como uma Ciência Humana, ora como uma Ciência Biológica. No que se refere à Psicologia Clínica, nota-se um crescimento nos tipos de intervenções psicológicas ofertadas à população, que englobam desde a psicoterapia individual, até a psicoterapia de grupo, como: os grupos comunitários, o psicodiagnóstico interventivo, o atendimento a casais, a famílias, e também o Plantão Psicológico.

O Plantão Psicológico se configura como uma prática cuja implantação no Brasil data da década de 1960 (CAUTELLA JUNIOR, 2012), com prática clínica embasada na Psicologia Humanista. A despeito disso, percebe-se uma inserção ainda incipiente deste tipo de intervenção nos serviços de saúde e na formação em Psicologia. Mais escassos ainda são os trabalhos que discutem esta prática por meio de um referencial teórico diferente daquele adotado pelos seus precursores.

Tendo em vista este cenário, o presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões tecidas por uma discente envolvida na prática do Plantão Psicológico ofertado, por meio de um projeto de extensão, em um serviço-escola de Psicologia de uma universidade pública. As atividades desenvolvidas pautaram-se no referencial teórico da Psicanálise e almejou-se delinear o caminho percorrido pela estudante para o desenvolvimento do Plantão Psicológico e para o processo de se tornar plantonista e psicanalista.

Reflexões de uma discente

Como aluna de graduação em Psicologia, posso testemunhar que temos visões bem limitadas das práticas clínicas em Psicologia, e digo clínica de uma forma estendida. Isso ocorre principalmente pelo caráter engessador da grade curricular. O que podemos fazer para expandir nossos horizontes são os projetos de ensino, pesquisa e principalmente de extensão, que é o caso do Plantão Psicológico. Tive sorte em ter encontrado docentes que pensassem na Psicologia em seu âmbito comunitário, e que me fizeram entender que a clínica pode ser estendida a contextos sociais, e que, principalmente, a psicanálise, uma das abordagens teóricas da Psicologia, pode chegar à periferia. Assim, vejo horizontes para uma ênfase da Psicologia mais da saúde do que da patologia. E não somente a Psicologia como um todo, mas creio que a clínica psicanalítica precisa se reinventar, permitindo um olhar clínico em lócus mais social.

Voltando à questão de como são pensados os cursos de Psicologia hoje no Brasil, entende-se que a dicotomia das abordagens teóricas - Psicanálise versus Behaviorismo - acarreta um apagamento de outras inúmeras abordagens. Como pontua Soares (2005, p. 592), ainda há uma “formação tradicional e dominante com predominância da Psicologia clínica, voltada quase que exclusivamente para a psicanálise e direcionada para as práticas clínico-terapêuticas”. O que não subsidia outros espaços para se pensar as diversas formas de exercer uma Psicologia com viés de Clínica Ampliada, como, por exemplo, o Plantão Psicológico.

Hoje a literatura que se tem sobre o Plantão é escassa e, em sua maioria, de abordagem humanista, o que faz com que seja um *déficit* duplo para o aluno. Na UEL, principalmente, pouco se fala de Psicologia Humanista, e pouco se falava de outras práticas sem ser divã e caixa de Skinner. Em decorrência desta realidade do curso de Psicologia da UEL, neste artigo conto como a prática no Plantão me fez pensar questões referentes ao novo tipo de clínica que estamos desenvolvendo nos

serviço-escolas de Psicologia e como a psicanálise tem se reinventado a partir da convocação das urgências pós-modernas.

O curso de Psicologia da UEL é bastante conhecido pela sua dominância na abordagem da Análise do Comportamento, o que dificulta um pouco aos aspirantes da Psicanálise. O meu currículo de ingressantes no ano de 2012 contempla, ainda, uma formação mais teórica e biológica que inclui: poucos estágios obrigatórios, séries com muitas disciplinas da área biológica, poucas abordagens teóricas vigentes, pouca ênfase em saúde mental e, por mais paradoxal que seja para uma instituição pública de ensino, não se estuda política pública.

Foi nesse cenário que ingressei na graduação achando que a psicanálise dotava-se somente de uma clínica ortodoxa, puramente freudiana - e um Freud ortodoxo, fases iniciais da psicanálise -, com restrições de metodologias e público-alvo. Mas, no decorrer do curso, mais especificamente no fim do terceiro ano e no quarto ano inteiro, deparei-me com projetos, docentes e vivências pessoais que me fizeram multiplicar os olhares possíveis que se pode ter através das lentes psicanalistas. A psicanálise institucionalizada se faz possível, então. E pude encontrar muita coisa da psicanálise enquanto atendimento em modalidade de plantão.

Creio que nesse tópico preciso voltar ao conceito de Clínica Ampliada, mencionado na introdução, mas não desenvolvido com a importância devida. Bezerra (2014, p. 130), ao pensar o lugar da clínica em Psicologia, nos lembra que clínica é, antes de mais nada, “a submissão do um outro que irrompe e se eleva à sua frente [...] é, assim, inclinar-se diante de, dispor-se a aprender-com [...]. A Clínica, deste modo, é um método [...]”.

Assim, a clínica psicanalítica se faz possível em uma instituição e, mais além, em um modelo de serviço de pronto-atendimento psicológico, pois em decorrência da plasticidade do plantão (BEZERRA, 2014) pude pensar a psicanálise como norteadora desta prática.

Concordo com Oliveira (2009, p.113) quando diz que é uma grosseria reduzir a clínica a “uma das tecnologias psicoterapêuticas metodologicamente estabelecidas”. Clínica, e falo também, e principalmente, da clínica psicanalítica é uma forma de enxergar o sujeito, é o olhar da clínica que perpassa na prática de plantão e nas atividades de um psicanalista em serviços de política pública em saúde mental, por exemplo. A psicanálise clínica foi muito julgada por ser uma Psicologia elitista e individualista, que desconsidera as demandas sociais, históricas e culturais (SOARES, 2005, p. 599). Todavia, ela se reinventa na medida em que as questões e demandas pós-modernas a convocam e a informam para além do *setting* clínico clássico. Foi atendendo no Plantão Psicológico que pude fazer parte dessa reinvenção da psicanálise, de uma “nova adequação do método clínico a diferentes contextos de ação” (BEZERRA, 2014, p. 133).

Diante deste cenário, a experiência no Plantão Psicológico foi de extrema importância para a minha formação em psicanálise. No plantão consegui ter uma perspectiva não apenas unilateral e curativa (SOARES, 2005), mas que ajudou a ampliar e promover uma mudança no perfil do estudante de psicanálise dentro da universidade - uma vez que somos, em média, entorno de 10 estudantes no projeto de extensão. Ao estudar e praticar o serviço de plantão aprendi a valorizar os conteúdos de saúde coletiva perpassados pelo viés da psicanálise, que quase não aparecem em minha grade curricular.

Introduzir a psicanálise no serviço de Plantão Psicológico - e digo introduzir, pois a literatura nos mostra que este terreno é habitado em sua grande maioria pela Psicologia Humanista - é reinventá-la. Não esperar teóricos, livros e manuais de conduta, e sim reinventá-la na prática cotidiana, no lidar com o inesperado que a prática do plantão promove (CHAVES & HENRIQUES, 2008). A prática da psicanálise não se dá apenas entre as quatro paredes do consultório, “não significa abandonar os fundamentos [...] e sim



Figura 1: Entrada da Clínica Psicológica da UEL | Fonte: Dados desta pesquisa.

é um exercício que promove uma ampliação e modificação em novas contextualizações sem que se perca a referência ao *ethos* psicanalítico” (SOARES, 2005, p. 595).

Uma das maiores ferramentas de minha prática psicanálise em plantão foi a escuta psicanalítica. O encontro entre plantonista e usuário do serviço permite o uso da técnica da escuta psicanalítica, na medida em que o plantonista esteja atento às manifestações do inconsciente na fala do usuário (BASTOS, 2009). Outra ferramenta psicanalítica que se faz uso no atendimento em plantão é a transferência, que muito possibilita a escuta psicanalítica.

O que se pode dizer do plantonista que tem a psicanálise como norteadora da sua prática é que esta pode respaldá-lo enquanto arcabouço teórico para auxiliá-lo em uma escuta interventiva, como modalidade de atendimento de encontro único como é o plantão. E digo escuta ativa uma vez que esta propicia o aparecimento de um novo sujeito, aquele que deseja e não é inteiramente percebido pelo plantonista. Deste modo, entendo que o uso da psicanálise no atendimento de plantão se faça possível e eficaz, principalmente, quando se fala do manejo adequado desta escuta ativa e da

transferência, pois, ambas, durante o encontro único com o usuário do serviço de Plantão Psicológico tem a potencialidade de fazer com que “os pacientes resgatem suas narrativas [...] tornando-se protagonistas de sua própria história” (MENDES; PARAVIDINI, 2007, p. 114), dando subsídio para o sujeito se impor no mundo do desejo.

Durante as minhas práticas de plantão, digo, os atendimentos, assim como as leituras bibliográficas e as supervisões, descobri que há uma premissa no atendimento em formato do Plantão: o plantonista deve fazer com que o sujeito, em meio ao atendimento, se questione e pense além da sua queixa. Pensar além do que os sintomas fazem com ele. O sujeito em “estado de Plantão” precisa saber, com a ajuda do plantonista, o que fazer com a sua queixa, o que fazer com o seu sintoma. Portanto, entendo que a premissa do sujeito em Plantão é mais do que saber o que os sintomas fazem com ele, mas o que ele pode fazer com os sintomas!

Cheguei a essa reflexão a partir de um caso que atendi no plantão. Inácio (nome fictício), 20 anos, chegou praticamente já chorando. Sua queixa era um desânimo muito forte, disse que estava com vontade de largar tudo, de voltar para a casa dos



Figura 2: Sala de espera da Clínica Psicológica da UEL | Fonte: Dados desta pesquisa.

pais. Ele falou que não estava se sentindo mais feliz com o curso, que é muito imaturo e tem medo de escolher as coisas na vida: “Eu espero as coisas virem até mim” (sic). Identifiquei também que a questão da ansiedade e de não conseguir tomar decisões também se faziam bem acentuadas.

Inácio chegou relatando todo o seu sofrimento, contando o que tudo aquilo fazia dele: “alguém desanimado, com vontade de voltar para a casa dos pais, preocupado com as notas, não conseguindo estudar, etc”. Mas, até aquele momento, Inácio não conseguia dizer o que ele faria com tudo aquilo. Juntos, então, fomos, aos poucos, conseguindo trilhar um caminho para responder: “o que eu faço com isso tudo?”. E conseguimos.

Na semana seguinte ele voltou, com outra plantonista, e contou como agiu perante seu sofrimento. Ele ainda sofre, claro, mas agora implica-se nesse sofrimento. Conseguimos estancar uma questão, sua demanda emergencial foi saciada, digamos assim, mas agora Inácio seria um candidato para o atendimento psicológico. No plantão ele entendeu aquilo que lhe afligia, e agora, em terapia, precisa falar sobre o que lhe aflige. Assim, configura-se o plantão como uma das portas de entrada do serviço psicológico oferecido na instituição (TASSINARI et. al., 2005).

A partir dessa visão, a qual o plantonista se vê na posição de ajudar o sujeito a construir respostas para “o que eu faço com isso” além do “o que isso faz comigo”, ele se posiciona e fala ao sujeito o que ele já sabe em algum nível, ou melhor, o que ele potencialmente pode saber em decorrência daquele encontro. Por exemplo, nos atendimentos que fiz, sentia-me convocada pelo sujeito em plantão para algum tipo de acolhimento que soava da seguinte forma: “Olha, eu sei que eu preciso atravessar a rua, mas sozinho está complicado, você pode me dar a mão?”

Cautella Júnior (2012) faz uma análise semelhante sobre esse tipo de encontro, plantonista e sujeito em plantão, quando escreve que o lugar que o sujeito nos coloca é muito semelhante ao cenário infantil:

Guardando as devidas proporções, é inevitável fazer referências às experiências precoces infantis. A criança, quando se vê lançada no mundo e não podendo contar com seus próprios recursos, pois estes ainda não estão suficientemente desenvolvidos, busca o olhar acolhedor do adulto. Sabendo-se assistida na tarefa que a desafia, consegue destinar-se ao desconhecido de maneira mais segura. O adulto, geralmente, nada faz nesta situação, apenas dá um aval para que a criança se aproprie daquilo que já tem e possa



Figura 3: Espaço para o atendimento no Plantão Psicológico da UEL | Fonte: Dados desta pesquisa.

desenvolver-se neste novo contexto, sabendo que, se necessário, pode contar com a assistência (CAUTELLA JUNIOR, 2012, p.81).

A partir dessa cena que os atendimentos me despertaram, me pergunto: se a demanda é um acolhimento desse naipe, por que não acolher? Lembro que o nosso grupo de plantonista, no começo da nossa prática, na qual não sabíamos muito bem o que fazíamos e como fazíamos, procuramos estar inteirados das inúmeras possibilidades da rede de ajuda mútua, tanto internas quanto externas. No começo, estávamos tão preocupados em relação ao fim do atendimento que esquecíamos de alguns procedimentos, não nos dávamos conta de que aquele sujeito pedia um outro tipo de acolhimento, era quase um ensaio da cena da criança que ouve uma bronca. Ela sabe que fez algo errado e não fez as melhores escolhas, mas precisa que alguém lhe diga que aquela estrada, talvez, seja mais difícil de caminhar, embora ela já soubesse precisava de alguém para reforçar.

Chego a essa reflexão a partir de um casal que atendi no plantão. Na modalidade de plantão que fazemos não se faz atendimento não individual, todavia, este foi realizado com o casal (não queriam ser atendidos separados). A queixa do casal era que fazia dois anos que a filha morava com eles, também tinha o “namorado” e a filhinha de dois anos, a situação familiar estava insustentável, pois a filha e o genro brigavam muito. Lúcia me disse que tinha vindo pedir orientação sobre o que fazer, pois ela e o marido estavam cansados, mas também não podiam mandar a filha e a neta embora, pois eles não tinham onde morar e também ela não achava justo sair da casa que sempre morou. Foi então que me dei conta a posição em que eu estava. Ficou claro que os dois sabiam que tinham uma responsabilidade naquilo que os afligia, e ficou claro que eles queriam escutar de mim algo que eles já sabiam, queriam apenas que alguém legitimasse a eles a atitude que deveriam tomar.

Chegamos juntos à conclusão de que era preciso que todos os envolvidos sentassem para um diálogo e que pudessem tentar encontrar soluções para evitar desgastes maiores. A conversa deveria ser pautada em uma imposição de limites dos pais para com a filha, o que me pareceu ser a coisa mais difícil e necessária, o casal sabia que deveria fazer, mas veio atrás de uma “mão para atravessar a rua”.

Considero que, naquela oportunidade, vivi um plantão que pedia uma castração saudável e necessária. Talvez o termo “castração” não seja o melhor para ser usado, pois ele já está denotado de outros sentidos dentro da psicanálise, mas a ideia que quero contemplar é que os atendimentos no plantão puderam me mostrar que hoje em dia parece que sabemos os melhores caminhos para as nossas vidas, mas temos medo de escolhê-los e depositamos em um sujeito (seja esse o analista, seja esse o pastor, etc) a opção de “escolherem por mim”. Há de se ter muito cuidado com isso. Várias vezes o plantão me seduzia para que me identificasse com uma posição que “escolhe” o caminho do sujeito, que

“conserta” e “arruma” o problema do sujeito, com uma posição de saber-poder. Todavia, o que o Plantão ensina é exatamente ao contrário dessa visão vertical, diagnóstica e médica-mecanicista: o Plantão ensina que benefícios terapêuticos só o serão se for um trabalho mútuo. Por isso insisto que talvez a melhor posição que o plantonista deva ter é a de anteparo, o qual permite apenas um eco do material do sujeito.

A experiência acadêmica e pessoal que o Plantão Psicológico da UEL proporcionou-me resultou em algumas considerações, tais como, o modelo de ensino em Psicologia, e em Psicanálise, principalmente, precisa ser reavaliado. Precisamos começar a se desvencilhar do modelo clínico formal e ortodoxo e pensar em um movimento de rede, de clínica ampliada, tornando, assim, a Psicologia e a Psicanálise mais acessíveis às formas de trabalho nas instituições.

O atendimento psicológico em forma de plantão me proporcionou um tipo de clínica que constrói alternativas para o além do que a sintomática faz, entrando na via do que aquele sujeito precisa

fazer com a sua queixa. O plantão se mostrou um tipo de acolhimento que desconstrói a posição vertical entre terapeuta e paciente e constrói uma horizontalidade, um caminhar junto e não o terapeuta indo na frente e guiando o sujeito. Deste modo, considero que a melhor posição que o plantonista deva ter é a de anteparo, o qual permite apenas um eco do material do sujeito.

A psicanálise na instituição se faz possível, principalmente, se pensarmos na clínica ampliada, a qual possibilita a escuta psicanalítica e a transferência, ferramentas que caracterizam a psicanálise. A atualização da psicanálise a esses novos contextos exige ações no campo da pesquisa, ensino e extensão, uma vez que se percebe a escassa produção literária a respeito da modalidade de Plantão Psicológico em outras abordagens além da humanista. Assim, precisamos fomentar a escrita e a produção de conhecimento sobre o que a psicanálise pode fazer em plantão. Essas experiências devem ser advindas da prática clínica no âmbito da extensão universitária, o que será muito oportuno para o crescimento da psicanálise e para o serviço de Plantão Psicológico. ◀

Referências

- BASTOS, A. B. B. I. A escuta psicanalítica e a educação. In: **Psicólogo InFormação**, v. 13, n. 13, 2009.
- BEZERRA, E. N. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar: limites e possibilidades. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 129-143, 2014.
- CAUTELLA JUNIOR, W. **Do inominável à produção de sentido: O plantão psicológico em hospital geral como utensílio para a metaforização da crise pelo trágico**. Doutorado em psicologia. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 2012.
- CHAVES, P. B.; HENRIQUES, W. M. Plantão psicológico: De frente com o inesperado. In: **Psicologia Argumento**, v. 26, n. 53, p. 151-157, 2008.
- MENDES, E. D.; PARAVIDINI, J. L. L. Os significantes da escuta psicanalítica na clínica contemporânea. In: **Psychê**, v. 11, n. 20, p. 99-116, 2007.
- OLIVEIRA, M. V. A ação clínica e os espaços institucionais das políticas públicas: desafios éticos e técnicos. In: **Ano da Psicoterapia: textos geradores**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009.
- SOARES, T. C. “A vida é mais forte do que as teorias” o psicólogo nos serviços de atenção primária à saúde. In: **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, n. 4, p. 590-601, 2005.
- TASSINARI et. al. O Plantão Psicológico como porta de entrada do Serviço de Psicologia Aplicada: desenvolvimento dos estagiários, a partir da versão de sentido. In: **VI Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa**, 2005, Canela - RS.



Figura 1: Oficina de escrita com os nomes próprios

Cursofincinas poética do letramento

Elaine Milmann: Instituto de Psicologia - UFRGS/Centro Lydia Coriat

Simone Moschen: Instituto de Psicologia - UFRGS

Claudia Bechara Frolich: Instituto de Psicologia - UFRGS

Carolina Viola: Centro Lydia Coriat

O Cursofincinas Poética do Letramento é uma ação de extensão forjada junto ao Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC), no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi realizado em 2014, com o objetivo de avançar nas investigações sobre a aquisição e os modos de

uso da linguagem escrita, na interface educação regular/educação especial. Como estratégia para formação de professores do ensino infantil e fundamental, do atendimento educacional especializado e de psicopedagogos e psicólogos escolares; avaliamos a operatividade da noção de poética do letramento a partir de duas problemáticas relacionadas à formação desses profissionais

no contexto da educação inclusiva: a das metodologias tradicionais de alfabetização e a da especificidade da constituição subjetiva de alunos em uma posição singular na linguagem¹.

Desta ação de extensão, participaram os membros do NUPPEC: a professora Simone Moschen; as coordenadoras do curso, professoras Elaine Milmann² e Claudia Bechara Frolich, além da professora Carolina Viola e da mestranda Janniny Kierniew. Ocorreram dez encontros de abril a setembro de 2015, em uma dinâmica de trabalho quinzenal, revezando a cada semana entre o encontro com as alunas e com o grupo do NUPPEC. Avaliamos e planejamos cada ação, partindo da escuta das participantes, indo ao encontro de seus questionamentos, de suas dúvidas e de seus pontos de resistência epistemológica. Fizemos nossos planos girarem, a cada encontro, denominando este processo de *planejamento in progress*. Dez vagas foram ofertadas para o curso de 40 horas, distribuídas em dez encontros no turno de sexta-feira pela manhã. Alcançamos onze inscrições; seis dos profissionais inscritos frequentaram os encontros, não ocorrendo nenhuma desistência.

A desconstrução da noção de alfabetização e o letramento

A alfabetização é um problema recorrente na educação nacional. Apesar de todos os esforços realizados, mais da metade da população escolar

1. *Crianças em uma posição singular na linguagem* refere-se ao modo como a psicanálise aborda o sujeito psíquico, em constituição. Tanto a psicose como o autismo são estruturas indefinidas, por ser o infante, um sujeito em estruturação. A nomenclatura utilizada pela legislação (LDB 9394/96) classifica estes dois quadros psíquicos diversos, a partir de uma única categoria: transtornos globais do desenvolvimento (tgd).

2. A noção de *Poética do Letramento* foi produzida como efeito da tese de doutorado realizada pela educadora especial e psicopedagoga Elaine Milmann, sob a orientação da profa. Simone Moschen. Dando continuidade a esta parceria, entre a pesquisadora e a supervisora, desdobrou-se o curso de extensão, como projeto de pós-doutorado.

Tu tens dado?

(chiste trazido por participante do Cursofincinas)

dos três primeiros anos do ensino fundamental, incluindo aqueles que dominam o sistema de decodificação, não dominam as habilidades as quais implicam o letramento. (tvescola.mec.gov.br, 2013). Este é um problema mais amplo e anterior à inclusão do público-alvo da educação especial no sistema regular de ensino, tornando-se ainda mais complexo desde que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - 9394 de 1996), regulamentou a matrícula preferencial de alunos, público-alvo da educação especial, em classes regulares de ensino. O desafio de uma educação de qualidade para todos aumentou desde a chegada destes alunos, tradicionalmente, fora do sistema educacional regular, tencionando as bordas existentes entre a educação regular e a especial.

Assim, surge a demanda de propostas de formação profissional às quais superem os obstáculos epistemológicos advindos da tradição

Formação das Participantes	Atuando
Pedagogia	Escola infantil privada
Pedagogia/Ed. Especial Mestrado em Educação	Sala de integração e recursos municipal - SIR
Psicologia - Mestrado em Psicologia	Clínica e Consultoria
Psicologia - Pedagogia/ Ed. Especial	Psicóloga privada
Pós-Graduação - Estimulação Precoce	Clínica de atendimento a deficiência múltipla
Psicopedagoga - Pós-Graduação em Problemas de Desenvolvimento	APAE Clínica psicopedagógica

Quadro 1- Participantes

pedagógica e suas crenças. Desde o pensamento filosófico e científico da antiguidade grega, o mundo se anunciava como representação, organizando-se a partir de um esquema de relação mínima, fundamental entre o sujeito e o objeto: um se situando em relação ao outro ou a interioridade de um ser definindo-se pela exterioridade do outro. A pedagogia, como ciência da educação, construiu suas práticas baseada nesta crença de continuidade entre o sujeito cognoscente e o objeto, considerando-os acessível um ao outro através da representação.

Historicamente se naturalizam práticas alfabetizadoras com ênfase na fonetização e suas combinatórias silábicas, sustentadas na ideia de que a escrita representa a fala, é o seu espelho, logo, secundária a ela, um rele código a ser aprendido mediante técnicas de treinamento perceptomotor e de consciência fonológica, ressaltando a cópia.

Para questionar tais práticas institucionalizadas de alfabetização, enfatizando o caráter não fonético da escrita, adotamos o uso do neologismo *letramento*, o qual, segundo a professora Leda Tfouni (2010), implica os aspectos sócio-históricos da aquisição do sistema de escrita pela sociedade, mesmo para aqueles que vivendo e interagindo nesta organização social fundada no uso da escrita, não sejam alfabetizados.

Levar em conta os aspectos sócio-históricos envolvidos na aquisição do sistema de escrita produz um deslocamento no processo de objetivação o qual expropriou a escrita de suas propriedades simbólicas, reduzindo-a a uma representação perceptual-cognitiva da oralidade. A escrita, como um efeito de linguagem, configura um lugar de enunciação, cuja poética se dá desde as primeiras marcas feitas pelo sujeito na superfície do próprio corpo, conforme o modo como realiza a travessia de sua inscrição na linguagem.

Através da proposta do **Curso oficinas Poética do Letramento** buscamos alternativas formativas, visando ampliar a compreensão da complexidade do sistema de escrita nas práticas de alfabetização e de letramento, tencionando as bordas traçadas entre o ensino regular e o ensino especial no contexto da educação inclusiva. Optamos pelo uso da diáde alfabetização e letramento a fim de sustentar o questionamento ao fonocentrismo e ao logocismo naturalizados em práticas pedagógicas institucionalizadas. Questionando a noção de representação, o filósofo Jacques Derrida (1999) trouxe a dimensão não fonética da escrita, constituída por traços que a configuram em sua materialidade. Segundo ele:

O significante 'gráfico' remete ao fonema através de uma rede com várias dimensões que o liga, como todo significante, a outros significantes escritos e orais, no interior de um sistema total, ou seja, aberto a todas as cargas de sentidos possíveis. É da possibilidade desse sistema total que devemos partir (DERRIDA, 1999, p. 55).

O sujeito se constitui na linguagem, pela linguagem, mesmo campo no qual se constitui o *eu* e a tridimensionalidade corporal - plataforma de lançamento para o acesso ao valor simbólico da escrita. Como efeito de linguagem, a escrita é um tabuleiro onde o sujeito se coloca desde a sua posição no jogo significante, transitando pela polissemia da linguagem, ou ficando aderido ao código, preso à materialidade da letra. No último caso, o significante 'gráfico' é impedido de entrar na rede pluridimensional que o liga a significantes escritos e orais, restringindo o seu deslizamento numa cadeia.

O traço, como matéria gráfica, adquire valor ou forma simbólica pelas diferenças inscritas no espaço, condicionado ao seu recorte significativo. Na travessia pela poética do letramento, esse recorte possibilita às letras gráficas

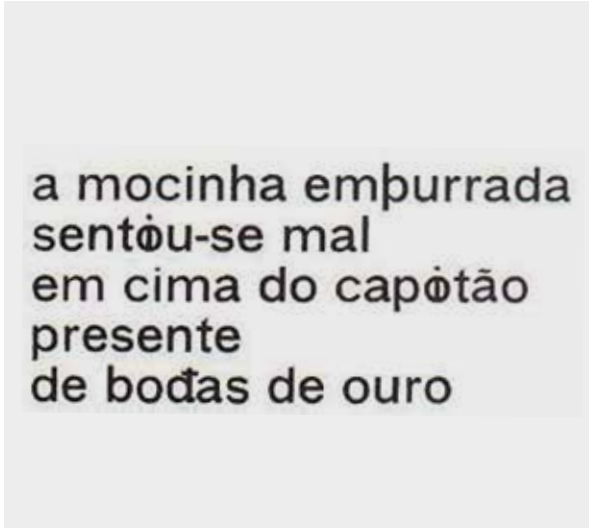
entrarem em jogos metafóricos e metonímicos, brincando e usufruindo de propriedades tradicionalmente atribuídas à língua. O brincar é a via de acesso a esses jogos nos quais é preciso se sujeitar à lei da linguagem.

Os fios conceituais da psicanálise freudo-lacaniana e da filosofia da linguagem de Jacques Derrida foram sendo tramados no decorrer da ação de extensão, na medida em que as participantes vivenciaram experiências em oficinas de bricolagem e de jogos com os traços, as letras e as palavras no espaçamento; destacando a literatura e a poesia concreta como vias para facilitar o acesso à complexidade teórica.

A poesia na travessia da poética do letramento

Na travessia do curso de extensão **Curso oficinas Poética do Letramento**, as oficinas tinham o objetivo de produzir experiências que tangenciassem a teoria, questionando concepções e práticas alfabetizadoras tradicionais. Estas, devido ao centramento na oralização das letras, costumam dar pouca relevância às diferentes propriedades de estrutura e de funcionamento da linguagem escrita e aos seus jogos de substituição e deslocamento. Segundo os estudos dos psicanalistas Sigmund Freud (1974) e Jacques Lacan (1973), através das operações de substituição-metáfora e de deslocamento-metonímia se produz a pluralidade de sentidos inerente à linguagem.

A poesia é um terreno privilegiado para destacar jogos de linguagem com os traços, as letras e os sentidos dados no espaçamento; proporcionando tanto aos adultos como às crianças o prazer do encontro lúdico com a escrita. Através da apresentação, leitura e da criação inspirada na poesia concreta, estes elementos ganham visibilidade, como podemos perceber ao lermos o poema, *Alfabeto duplo*, de Décio Pignatari:



a mocinha empurrada
sentou-se mal
em cima do capotão
presente
de bodas de ouro

Figura 2: Alfabeto duplo (PIGNATARI, 1996)

Para tornar-se letrado e acessar os jogos polissêmicos da linguagem, é preciso haver a inscrição do traço unário no psiquismo, operação de recalçamento do inconsciente, divisão e unarização do sujeito (LACAN, 2003). O nome próprio produz uma primeira identificação, operando como traço unário, possibilitando o reconhecimento do sujeito neste *um*, como *o que se conta* – fundamento para aquisição do sistema de escrita e de números. O sujeito em si não pode ser apreendido, implicando a dimensão de uma perda irreparável, e, ao mesmo tempo, produção de um traço em seu lugar.

Para abordar estes conceitos advindos da psicanálise, propomos uma oficina com o traço unário, na qual pedimos às participantes que escrevessem seu nome em letras grandes sobre uma folha e as recortassem, formando o maior número de palavras possível com essas letras. Depois, misturaram todas, colocando-as viradas de cabeça para baixo e jogavam o dado, retiravam o número e formavam diferentes palavras conforme mudavam a posição das letras no espaçamento. A descoberta de uma gama de palavras formadas a partir das letras de seu nome e os jogos de deslocamento e substituição foi experimentada com prazer pelas participantes.

Tanto, que uma delas, relatou no outro encontro que ao sair da oficina do traço unário, foi comprar um dado para levar o jogo do nome próprio para seus alunos de sala de aula. Ao entrar numa loja, perguntou à vendedora: - *Tu tens dado?* O duplo sentido, compartilhado com o Outro encarnado, produziu o equívoco inerente à linguagem e a graça da história.

Nesse encontro, trabalhamos com os chistes (FREUD, 1974), outra forma de abordar os efeitos de sentido inerentes à linguagem.

Efeitos da travessia - resultados da pesquisa

A travessia pelo **Curso oficinas Poética do Letramento** produziu diferentes efeitos formativos, abordados a partir do depoimento das participantes. Verificamos os seguintes movimentos: ressignificação da forma de transmissão e de planejamentos *in progress*; ampliação da noção de letramento e enfrentamento de obstáculos epistemológicos; a poesia como elemento formador do sujeito letrado; e, enfim, a demanda de formação continuada no contexto da educação inclusiva.

Para o enfrentamento dos obstáculos epistemológicos e para o redimensionamento da noção de letramento, mapeamos as dificuldades conceituais das participantes, abrindo-lhes espaço para questionamentos referentes às práticas e aos conceitos, dando sustentação ao *não saber*, como operatório para as aprendizagens e para as mudanças de paradigmas. O tempo de escuta oferecido proporcionou planejar *in progress*, retomando temas abordados de diferentes formas e contextualizados às situações do cotidiano das participantes.

O acolhimento e o prazer proporcionado na nossa travessia foram fundamentais para o andamento do **curso oficinas**. As oficinas de construção e de jogos, com vivências similares às aquelas que propomos como fundamentais

para as crianças em seu processo de alfabetização e de letramento, privilegiaram a articulação da teoria às experiências vividas.

“É muito rica a experiência da teoria com a prática. Costurar a psicanálise com a educação é uma arte, e o casamento desta arte com a poesia ficou perfeito. Todos os desafios das oficinas: os desobjetos, as palavras souvenir, a construção do poema em dupla, caça ao tesouro, foram muito importantes para mim, por que acredito que quando vivenciamos, nos apropriamos de outro jeito!”

As oficinas alternadas às exposições teóricas, filmes, leituras, promoveram o enfrentamento de alguns obstáculos epistemológicos subjacentes às propostas pedagógicas logofonocentradas: a crença na transparência da linguagem, a substancialização da relação sujeito-objeto e a fonetização da escrita. A mudança de paradigma e a ampliação do conhecimento sobre a complexidade da linguagem escrita, articulada aos estudos sobre o corpo e a linguagem foram entrelaçadas.

“O corpo como se constrói através da palavra, do que lhe é escrito e como isso se faz necessário na construção da escrita”.

“Explorar o corpo através do brincar, pintar, colar e recortar. Entender que a construção da escrita acontece através do processo presença-ausência, ou melhor, entender da forma como foi abordado neste curso, permitiu dar significado a este conceito”.

As experiências nas quais as letras usufruem dos jogos de sentido através dos movimentos de deslocamento e substituição evidenciaram a diferença das concepções alfabetizadoras que enfatizam a fonetização dos sons e a transposição do oral ao escrito.

“A vivência do curso me possibilitou repensar minha prática docente enquanto professora alfabetizadora. Com o curso pude constatar

que o letramento vai muito além de conhecer, interpretar e decifrar o código da escrita. Letramento, após esta experiência do curso, passou a significar para mim, a habilidade de se lambuzar com letras, se deliciar com palavras, viajar no universo da escrita”.

As lentes teóricas da psicanálise e da filosofia da diferença foram tecidas gradativamente durante o curso. Levamos em consideração os diferentes tempos de construção desta trama teórica, tornando visíveis as relações entre a subjetividade e a inscrição do sujeito na escrita.

“O que me trouxe até aqui foi exatamente a interlocução entre educação e psicanálise. Esta abertura, este entrelaçamento entre as áreas traz para a educação a dimensão do inusitado, do singular, daquilo que não é aparente, mas está presente. Neste sentido, o não dito, o inconsciente consegue seu espaço, sua valorização, pois se permite seu aparecimento. Quando se trabalha com a educação especial, que é o meu caso, aquilo que foge, que não se espera, que não se vê, assume uma amplitude imensa em que não é possível ignorar essas manifestações, ou melhor, se ignorado, nosso trabalho perde muito ao não escutar as singularidades das diferentes manifestações desses sujeitos”.

O trabalho com o termo letramento abriu a discussão sobre a importância da dimensão social e cultural na aquisição da escrita, produzindo um deslocamento do logofonocentrismo tradicional e situando a escrita como efeito de linguagem.

“Quando penso em registrar, através da escrita, a experiência de participar deste espaço, logo me vem à lembrança da angústia de tentar unir dois temas que atravessam a minha vida profissional: a pedagogia e a psicanálise. Mas com uma (in)formação a mais: alfabetização. Teorizar sobre o sujeito por de trás deste processo mostra como o

letramento começa muito antes do primeiro contato das crianças com as letras. A escolha de seu nome é sua inscrição no mundo”.

O letramento é inesgotável e a cada novo mergulho na linguagem escrita, ampliamos nossa experiência como sujeito letrado. Os efeitos produzidos, ao associarmos a teoria às experiências com o *saber-fazer-com-a-linguagem* vivenciadas em oficinas de escrita, através da literatura e da poesia moderna, repercutiram nas participantes: em suas concepções, práticas e em sua posição diante do letramento.

“Assim como as palavras na poesia assumem outros significados, podemos sentir/vivenciar diferentes formas, diferentes acessos à realidade. Essa abertura, essas diferentes possibilidades trazem novas formas de perceber o outro/ o mundo/ as coisas/ o objeto. Acredito que criam furos ou abrem portas para que as manifestações múltiplas possam ser melhor percebidas e trabalhadas em nosso fazer profissional ou pessoal”.

A palavra *poeta* vem do grego “*poietaes = aquele que faz*”. E faz o quê? Faz linguagem. O poeta não trabalha com o signo, *ele trabalha o signo verbal* (PIGNATARI, 2006). Ao trabalhar o signo verbal, como na poesia concreta, encontramos os elementos verbocovisuais que fornecem os modos de dar a ver o funcionamento do traço, das letras e da escrita em jogo nos processos de aquisição da escrita, colocando em cena a estrutura de funcionamento da linguagem escrita, expressa pelas suas propriedades: polissemia, deslizamento, mudança de estatuto das unidades conforme o estatuto da diferença que se estabelece entre elas.

“Me marcou muito durante a caminhada a imersão na POESIA. Aprendi a brincar com as palavras, e por isto fez toda a diferença na minha prática clínica”.

O levantamento da avaliação realizada pelas participantes do curso indicou que a trama

estabelecida entre a transmissão da teoria e a proposição de oficinas contribuiu para ampliar a noção de letramento à qual os professores traziam consigo, produzindo efeitos em suas práticas. Ao mesmo tempo, proporcionou mudanças paradigmáticas e epistemológicas, o percurso realizado despertou o desejo de continuidade.

“Uma certeza ao menos fica, a necessidade de ampliarmos nossos encontros, a promoção de uma continuidade de um trabalho que recém-começou. Estamos iniciados nessa abertura ao poético, ao outro, às múltiplas linguagens do corpo, mas há mais... sempre há! Seria maravilhosa a continuidade do curso”.

A partir dos efeitos produzidos: a resignificação da forma de transmissão; a ampliação da noção de letramento e enfrentamento de obstáculos epistemológicos; a poesia como elemento formador do sujeito letrado e a demanda de continuidade da formação no contexto da Educação Inclusiva, inter-relacionados entre si, a noção de poética do letramento foi considerada operatória para a formação continuada

de profissionais do campo educacional, numa perspectiva inclusiva.

Destacamos, também, como satisfatoriamente aplicável a modalidade de curso-ficinas, na qual se enlaçou a experiência poética com as teorias: da psicanálise freudo-lacaniana, sobre a constituição do sujeito na linguagem e pela linguagem, e da filosofia derridiana, sobre a escrita como jogo significante gráfico ligado em rede a outros significantes escritos e orais, no interior de um sistema total e aberto a todas as cargas de sentidos possíveis. Esta modalidade impulsionou as participantes, abrindo-lhes novos caminhos, olhares e propostas de intervenção a partir da ação de extensão realizada.

Avaliamos, enfim, a aplicabilidade da noção de poética do letramento para formação de profissionais envolvidos com a alfabetização e letramento, promovendo o protagonismo compartilhado entre as participantes, atestando a demanda de continuidade tanto desta temática, como desta modalidade de formação de profissionais na interface educação regular/educação especial - transversalizando a educação como um todo. ◀

Referências

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo. Editora: Perspectiva, 1999 (Original de 1967).

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In: FREUD, S. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. IV e V, p. 17-85 (Original de 1900).

_____. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. In: FREUD, S. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. VIII. (Original de 1905).

MILMANN, E. **Poética do Letramento corpo, escrita, linguagem**. São Paulo: Kazwá Editora. 2014.

LACAN, J. **A identificação**. Seminário 9. Centro de estudos freudianos de Recife. Recife: Publicação para circulação interna, 2003. (Original de 1961/1962).

TFOUNI, Leda Verdiane. (Org.). **Letramento, escrita e leitura**. Questões contemporâneas. Campinas: Mercado das Letras Editora, 2010.

TVESCOLA/MEC. <http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=712:salto-para-o-futuro-a-alfabetizacao-no-brasil-debate-ao-vivo&catid=71:destaque> Acesso em: 17 out. 2013.

PIGNATARI, P. Poesia Concreta: organização. In: CAMPOS, A, CAMPOS, H, PIGNATARI, D. **Teoria da poesia concreta**. Textos críticos e manifestos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.



Prática cênica, ensino, registro e reflexão: teatro e dança com alunos surdos

Sergio Lulkin: Faculdade de Educação - UFRGS
Doutoranda em Artes Cênicas: Marcia Berselli
Acadêmico de Design de Produto: Jonas Ferrari

Ação de extensão “Teatro e dança com alunos surdos” desenvolve-se desde 2013, junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick (Porto Alegre/RS). Em 2015, chegamos à terceira edição mantendo o objetivo de investigar os

princípios da dança Contato Improvisação¹

1. Forma de dança desenvolvida pelo bailarino e performer norte-americano Steve Paxton na década de 1970, envolve transferência de peso, quedas, rolamentos, carregamentos, tomadas de decisão em conjunto, etc. Sem apresentar passos pré-definidos, a dança se desenvolve a partir de um ponto de contato físico entre dois ou mais praticantes.

relacionados a jogos teatrais e práticas cênicas com alunos surdos, avançando nas formas de registro e difusão com publicação especializada.

A equipe é coordenada pelo professor Sergio Lulkin, da Faculdade de Educação, e as oficinas são organizadas e facilitadas por Marcia Berselli, doutoranda em Artes Cênicas, e pelo bolsista Jonas Ferrari, responsável pelas fotos, vídeo e organização didática sobre a tecnologia de registro.

No terceiro ano de desenvolvimento da ação de extensão, o grupo engajou-se na utilização de formas de registro das práticas. Utilizando os recursos de fotografia e vídeo, os alunos são estimulados a apresentarem seu próprio olhar sobre as atividades desenvolvidas nas oficinas de Teatro e Dança. Os registros são compartilhados, primeiramente, entre os pesquisadores envolvidos na ação; a seguir, são apresentados aos participantes, através de plataformas *online*. Há ainda um terceiro momento do compartilhar, quando os vídeos são exibidos aos professores da Escola e pais dos alunos. Prevê-se, na metodologia da ação, um encontro de todos participantes para rever e avaliar os vídeos e fotos, nutrindo a construção coletiva dos critérios de avaliação e qualificação do trabalho e a projeção das atividades seguintes.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick, localizada em Porto Alegre - RS, atende alunos surdos com ou sem outras deficiências associadas. Como escola bilíngue, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de instrução, a primeira língua, e o português é trabalhado em sua forma escrita. Os encontros semanais ocorrem nas dependências da Escola – em sala de aula ou no pátio – no turno oposto ao das aulas regulares dos participantes, com a duração de uma hora e trinta minutos. Nesses encontros participam dez alunos, com idade entre 09 e 27 anos, junto com a facilitadora do processo (professora de teatro e doutoranda em Artes Cênicas) e um bolsista de graduação. Além dos encontros na Escola, os ministrantes e o coordenador do projeto se reúnem regularmente

a fim de avaliar e planejar as atividades desenvolvidas.

No primeiro ano, 2013, o objetivo da ação estava centrado em desenvolver experimentações de jogos dramáticos e exercícios teatrais, investigando a elaboração e desenvolvimento das propostas na articulação da LIBRAS – língua dos participantes – com o português – língua da facilitadora dos encontros. No ano de 2014, buscou-se aprofundar as propostas com o Contato Improvisação relacionado aos jogos e exercícios teatrais, em busca de composições engajando o corpo no espaço.

Para a terceira edição da ação, em 2015, a proposta continua aprofundando as relações entre Contato Improvisação e jogos teatrais, tendo como diferencial desta etapa, a habilitação dos participantes (alunos surdos) com o registro em foto e vídeo das atividades desenvolvidas. Com essa proposta, visamos ampliar a reflexão sobre as atividades, englobando também as perspectivas dos sujeitos participantes. Paralelamente, foi desenvolvida – com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e da Gráfica da UFRGS – uma publicação, no formato de guia (livreto e fichário), com o objetivo de difundir as práticas, contendo o detalhamento acerca da estrutura dos encontros, bem como explicações de exercícios e jogos desenvolvidos com os alunos. Este material tem o objetivo de auxiliar outros profissionais que têm interesse em desenvolver práticas cênicas com pessoas surdas, mas muitas vezes têm dificuldade de acesso aos procedimentos e meios de efetivar as atividades.

A partir das Ações desenvolvidas desde 2013 com os estudantes surdos, organizamos atividades com ajustamentos para o contexto em questão. As propostas de jogos e exercícios apresentadas no **Teatro Flexível: guia para o desenvolvimento de oficinas de teatro e dança com alunos surdos**²

2. Guia disponível com o grupo em formato impresso (contato através de contato@teatroflexivel.com.br), e em formato digital no www.teatroflexivel.com.br.

nascem de práticas de teatro e dança, de referências conhecidas nesses campos (BOAL, 2012; BOGART, 2011; PAXTON, 1997; RYNGAERT, 2009) e também de procedimentos utilizados pela facilitadora do processo em sua carreira de atriz e facilitadora de processos de criação cênica.

Desenvolvidas para e por ouvintes, as propostas são redesenhadas no encontro com os estudantes surdos. Assim, os procedimentos são ajustados em busca de flexibilizar habilidades necessárias aos participantes, facilitando o acesso sem deixar de desenvolver competências específicas. O estímulo vai no sentido de que os participantes apresentem um engajamento, colocando-se em estado de disponibilidade para realizarem as práticas a partir de suas diversas possibilidades.

Para Jean-Pierre Ryngaert, professor de Estudos Teatrais, a abertura a novas experiências e o afastamento de ideias preconcebidas são pressupostos do jogo, e é na relação do jogador com os outros e com o mundo que o jogo se efetiva.

O jogador é aquele que “se experimenta”, multiplicando suas relações com o mundo. Numa perspectiva de formação, a aptidão para o jogo é uma forma de abertura e de capacidade para comunicar. Ela desenvolve a conscientização de novas situações e um potencial de respostas múltiplas, ao invés de um recuo a terrenos familiares e da aplicação sistemática de estruturas preexistentes. (RYNGAERT, 2009, p. 61)

Nas práticas de Teatro e Dança com alunos surdos, por meio de exercícios e jogos teatrais e de Contato Improvisação e do registro das atividades pelos próprios participantes, busca-se promover um espaço de expressão artística no qual o sujeito surdo possa apresentar e ampliar suas capacidades criativas, refletindo sobre seu entorno por meio de atividades que engajam o lúdico e o sensível. Propõe-se, assim, uma experiência de ensino-aprendizagem diversa, respeitando língua, cultura e saberes dos alunos surdos em um espaço de experimentação que é fundamental no contexto educativo.

A escolha pelo Contato Improvisação pauta-se, principalmente, por essa prática apresentar etapas de desenvolvimento e preparação mais informal, se comparada a outras práticas corporais ou de dança, calcadas em métodos tradicionais e pouco flexíveis. Há uma abertura à adaptação e reorganização da prática de acordo com os locais e o conhecimento dos praticantes. Segundo Steve Paxton (2006, s/p),

Uma diferença básica entre a técnica contato-improvisação e a dança moderna e clássica é que a base da primeira está no peso e no toque no outro, enquanto na segunda, a base é sobre a potência de uma performance. O contato-improvisação é mais uma prática do que uma performance, e assim, de alguma maneira, tira os dançarinos da relação social em que eles são o centro. Não importa qual seja o sexo ou a condição do corpo, pois a técnica não é muito estilizada, nem muito rígida em sua fórmula.

Por seu caráter flexível, o Contato Improvisação se apresenta como uma prática disponível independente das prioridades individuais ou diferenças culturais, e não deixa, no entanto, de desenvolver competências técnicas específicas.

No ano de 2015, com os participantes atuando também como responsáveis pelo registro das atividades, a ação promoveu que os mesmos apresentassem seu olhar sobre as práticas realizadas, situando o participante na posição de um colaborador (pesquisador) através de diferentes meios como vídeo, fotografia e desenho. Esse olhar indica uma perspectiva singular sobre a pesquisa em teatro e dança com alunos surdos, a partir dos atravessamentos entre percepções do facilitador-pesquisador (ministrante das atividades) e do participante-pesquisador, implicado na produção, registro e reflexão sobre o conhecimento que emerge dessa atividade.

Para além das práticas na Escola, a reflexão e compartilhamento de material textual e visual, através de redes sociais, publicações e eventos acadêmicos, proporcionam a difusão dos procedimentos desenvolvidos na ação de extensão. Essa

produção pode vir a auxiliar profissionais que já atuem na área da surdez, bem como estudantes em formação, que muitas vezes têm dificuldade no acesso de material sobre práticas cênicas com pessoas surdas.

O desenvolvimento do trabalho amplia ainda as relações entre a comunidade, a universidade e a escola, promovendo encontros e práticas com professores da rede pública em contextos de compartilhamento de ações e reflexões entre estudantes da Universidade, da Escola e os professores de ambas instituições. Alimenta-se, assim, uma rede que fomenta discussões a respeito de práticas artístico-pedagógicas.

Metodologia, estrutura dos encontros e registros das atividades

Na articulação de exercícios e jogos teatrais com práticas do Contato Improvisação, busca-se desenvolver capacidades criativas que levem em consideração o contexto do aluno surdo. Por meio das propostas os participantes desenvolvem competências técnicas relacionadas ao processo criativo: atenção, concentração, ação-reação, disponibilidade, abertura ao outro e ao espaço, imaginação, comunicação, adaptação, consciência de si e do outro, capacidade de agenciamentos e ajustamentos em relação aos elementos da composição. Além do desenvolvimento de competências relacionadas ao registro das práticas experienciadas.

O encontro segue uma estrutura pré-definida que, apesar de delimitada, é bastante flexível tendo em vista novas organizações. Assim, são seis momentos definidos, em: 1) conversa inicial e definição do grupo de registro; 2) aquecimento/sensibilização – visando a sensibilização de corpos e a disponibilidade física e espiritual; 3) exercício – com propostas que apresentam relações com o espaço e movimento, trabalhando com níveis, velocidades e contato físico; 4) jogo – no qual o exercício trabalhado no momento

anterior passa a ser direcionado no sentido de engajar o imaginário dos participantes; 5) composição – delimitação de espaço e criação de realidade para além do real imediato na composição de cenas; e 6) finalização – momento de acalmar as energias, conversando sobre as práticas realizadas no encontro e definindo o responsável pelo registro no Diário de trabalho.

A partir de 2014, passamos a utilizar um caderno nomeado Diário de trabalho, no qual cada encontro, um dos participantes é responsável pelo registro através de escrita, desenho ou colagem. O que se propõe é que cada participante seja livre para realizar seu registro a partir de sua perspectiva e do procedimento que lhe parecer mais agradável. Apresentam-se nesse diário, desenhos de exercícios, de jogos, cenas, bem como outras referências que atravessam os encontros, como desenhos animados, esportes, atividades realizadas em família ou entre amigos.

Em clima de amigabilidade, toda forma de registro é passível de ser apresentada no diário, toda referência encontra espaço de ser compartilhada. No início do encontro seguinte, o registro realizado no Diário é exposto a todos participantes, suscitando uma conversa em que todos podem se expressar.

A capacitação para o registro surgiu da necessidade dos participantes registrarem registro as atividades desenvolvidas, em fotografia e vídeo. A equipe desenhou uma estrutura dos encontros que possibilitasse a articulação da aprendizagem relativa ao registro com as propostas de criação cênica (exercícios, jogos e composições). Assim, o planejamento de atividades organiza-se centrado em um primeiro momento de capacitação ao registro, no qual o grupo todo participa, seguido da organização dos participantes em dois grupos, nomeados grupo de registro e grupo de práticas cênicas.

Abaixo, segue um plano didático de ensino para o uso dos recursos de registro – câmera de foto

e vídeo. A ideia geral do plano é oferecer um panorama acerca da atividade de fotografar e filmar as práticas de teatro e dança. Conforme evidenciado nos tópicos expostos no plano, são compartilhados com os alunos conhecimentos básicos sobre os equipamentos, bem como conceitos gerais de filmagem e fotografia. O conteúdo do plano foi exposto aos alunos pelo bolsista da ação de extensão, aluno de graduação com conhecimentos de registro e edição de imagens.

Após a exposição, o grupo de registro inicia as atividades com a câmera e o *tablet*, enquanto o restante da turma realiza determinada prática cênica. Ao finalizar o encontro, as fotografias são transferidas para o computador e é disponibilizado tempo adequado para os comentários sobre as imagens produzidas pelo grupo de alunos.

Durante os três anos de realização da Ação de Extensão os participantes desenvolveram competências técnicas relativas à atuação enquanto jogadores nas práticas cênicas, mas também puderam ser observadas novas posturas no que diz respeito à relação entre colegas, – confiança, reconhecimento –, bem como na relação com professores principalmente, nas situações de exposição das opiniões dos alunos. No ambiente escolar, em momentos de trocas e compartilhamento de experiências com a comunidade e com os pais dos alunos, evidenciou-se o domínio e apropriação, pelos participantes, dos conteúdos trabalhados. O reconhecimento envolvido na incorporação das

práticas e procedimentos teatrais leva o participante surdo a ser identificado como portador de um saber específico, que o distingue dos demais e o legitima em um contexto em que o saber relaciona-se comumente ao outro.

A Ação de Extensão Teatro e dança com alunos surdos, nos modos aqui expostos, possibilita a transformação não só dos estudantes do ensino básico. Os estudantes de ensino superior, – nos níveis de graduação e pós-graduação –, têm a possibilidade de evidenciar situações relativas às artes cênicas e ao ensino que a sala de aula dos cursos não alcança. Há uma retroalimentação entre propositores das atividades e participantes. Seja nos modos possíveis de desenvolvimento dos jogos, nas reflexões sobre as maneiras de apresentação das propostas, nos ajustamentos entre Libras e Português, as funções de professor e aluno se misturam. Próprio do jogo – que tem regras, mas apresenta diversificadas soluções para cada proposta onde os sentidos de certo e errado são colocados à prova e é em tempo real que as situações são desenvolvidas.

Especialistas em suas áreas, os facilitadores das oficinas revisitam conceitos e constroem com os estudantes da escola conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento de práticas cênicas. Aliando ensino, pesquisa e extensão, a Universidade amplia seus limites dissolvendo seus muros e permitindo que o conhecimento seja algo vivo, pulsando entre comunidade, escola e o próprio ambiente acadêmico. ◀

Referências

- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BOGART, Anne. **A preparação do diretor**: sete ensaios sobre arte e teatro. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2011.
- PAXTON, Steve. A definition. 1997 [1978/79] In: **Contact Improvisation Source Book**: collected writings and graphics from Contact Quarterly dance journal 1975-1992. Massachusetts: Contact Editions, p. 37-38.
- PAXTON, S. **Corpos em liberdade** (depoimento). In: **Revista E**, n. 108, maio 2006. Disponível em http://www.sescsp.org.br/online/artigo/3145_DEPOIMENTOS#/tagcloud=lista Acesso em 06/11/2015.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**: práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.



O impacto da divulgação científica na área biotecnológica

Caroline Salvati: Bacharel em Biotecnologia – UFRGS

Jéssica Scherer: Bacharel em Biotecnologia – UFRGS

Júlia Catarina Vieira Reuwsaat: Mestranda em Biologia Celular e Molecular – UFRGS

Pâmella Borges: graduanda em Biotecnologia – UFRGS

Karina Mariante Monteiro: Centro de Biotecnologia - UFRGS

“Uma compreensão fundamental das descobertas e métodos da ciência deve ser divulgada na mais ampla escala”, diz Carl Sagan no seu famoso livro de discussão científica “O mundo assombrado pelos demônios”.¹

1. SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

Baseado nesse princípio, foi criado em 2015, a ação de extensão “Falaí Biotec” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com foco em jovens estudantes de ensino médio, a proposta é levar informações da área biotecnológica através de palestras e divulgação via página de *Facebook*, utilizando linguagem de fácil compreensão.

A ideia surgiu após uma discussão entre estudantes do curso de biotecnologia sobre recentes atentados anti-ciência, como a invasão e a destruição de uma unidade da empresa Futura-Gene que desenvolvia uma linhagem de eucalipto transgênico². Fatos como esse evidenciam a falta de informação sobre ciência, e em especial sobre biotecnologia, por parte da população em geral, o que gera um conceito negativo sobre o tema. Isto ocorre, em parte, pela falta de empenho da comunidade científica em apresentar estes temas de forma simples e compreensível para a população, esclarecendo conceitos equivocados e desfazendo medos infundados sobre novas tecnologias.

Sendo assim, é de grande importância que sejam executados projetos de divulgação científica com o intuito de aumentar a compreensão sobre o tema e promover o diálogo com a sociedade. Alguns projetos de divulgação científica na área de biotecnologia já estão em prática.

O Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), por exemplo, é uma organização não governamental cujo objetivo básico é divulgar informações técnico-científicas sobre a biotecnologia e seus benefícios, aumentando a familiaridade de todos os setores da sociedade com o tema (<http://cib.org.br/>). O CIB é formado por uma ampla equipe constituída de professores universitários e profissionais. Esta associação publica notícias, vídeos, *podcast*, livros e outros materiais, contribuindo assim para a difusão do conhecimento da área.

Outro exemplo interessante é o projeto de extensão “Biotec para Todos”, idealizado pelos alunos do curso de Biotecnologia da Universidade Federal da Grande Dourados (Dourados, Mato Grosso do Sul). Criado em 2010, o projeto visa a promoção de palestras sobre biotecnologia em escolas, promoção de eventos de divulgação em

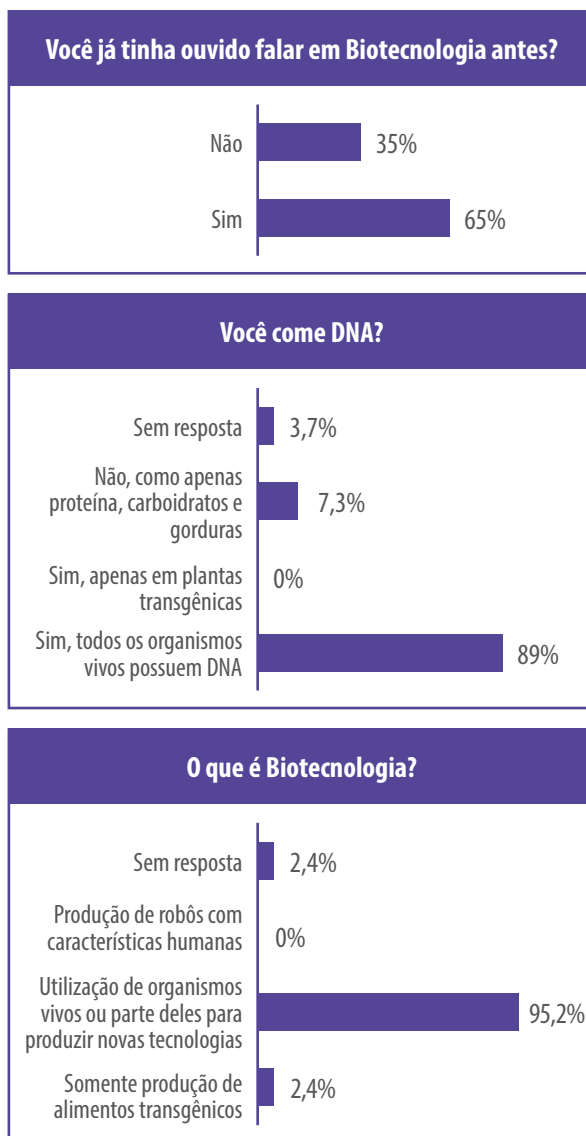


Figura 2: Resultado da aplicação do questionário com perguntas sobre biotecnologia.

shoppings, praças, feiras livres e até mesmo na própria Universidade. Notoriamente, o projeto já teve um resumo publicado nos anais do 5º Congresso da Sociedade Brasileira de Biotecnologia (SBBIOTEC), relatando os resultados de duas ações em escolas da cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Este é um modelo de sucesso que serve como inspiração.

O objetivo principal do projeto “Falaí Biotec” é realizar palestras em escolas de Porto Alegre a fim de introduzir conceitos biotecnológicos a alunos do ensino médio. Com isso, este projeto

2. MST destrói 15 anos de pesquisa em biotecnologia. Revista Veja, 05 de março de 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/mst-destrói-15-anos-de-pesquisa-em-biotecnologia>>. Acesso em: 29/03/2016.



Figura 3: Integrantes do projeto “Falaí Biotec” durante a apresentação aos alunos do Instituto Estadual Rio Branco de Porto Alegre. Créditos: Pâmella Borges.

contribui para a aproximação da Universidade com a sociedade e proporciona aos alunos do curso de biotecnologia da UFRGS uma experiência enriquecedora de troca de conhecimentos. Os alunos das escolas alvo do projeto, por sua vez, terão acesso ao conhecimento científico sobre a biotecnologia e poderão formar a sua própria opinião sobre o tema com embasamento teórico de qualidade.

A primeira etapa do projeto consistiu na preparação de materiais para as ações nas escolas. Foram criados quatro materiais distintos: (i) um panfleto de divulgação ilustrando as áreas de atuação da biotecnologia (Figura 1); (ii) uma apresentação em formato *PowerPoint*, abrangendo o histórico, aplicações e perspectivas da área biotecnológica para aplicação das palestras nas escolas; (iii) um questionário a fim de avaliar os conhecimentos dos alunos acerca da área, o impacto da palestra nos mesmos e o desempenho dos apresentadores; (iv) uma página no *Facebook* para ampliar a difusão e aumentar o público-alvo do projeto, divulgando notícias atuais sobre a área.

Foi criada também uma parceria entre o projeto “Falaí Biotec” e o Curso de Férias oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Biologia Celular e Molecular (PPGBCM) da UFRGS para oferecer aos alunos de rede estadual de ensino aulas práticas e teóricas sobre ciência. As ações decorrentes dessa parceria irão entrar em vigor a partir do mês de julho desse ano, quando serão

iniciadas as visitas às escolas estaduais do município de Porto Alegre.

O passo seguinte foi realizar uma prospecção de escolas de ensino médio na cidade de Porto Alegre e contatá-las através de e-mail e/ou telefone para agendar a realização da ação. A fim de ressaltar a importância da ação, foi enviada uma carta de apresentação redigida pelas coordenadoras do projeto. As palestras estão sendo agendadas conforme cronograma da escola receptora, e os participantes do “Falaí Biotec” se organizam em grupos de, no mínimo, 4 pessoas, sendo estes representados por alunos e ex-alunos do curso de biotecnologia da UFRGS. As apresentações tem duração de aproximadamente 40 minutos, acrescido do tempo para perguntas e para aplicação do formulário de avaliação. Até o momento, foi realizada uma ação para 82 alunos do Instituto Estadual Rio Branco. Ao longo deste ano, têm-se como objetivo realizar mais 20 visitas, algumas destas já agendadas.

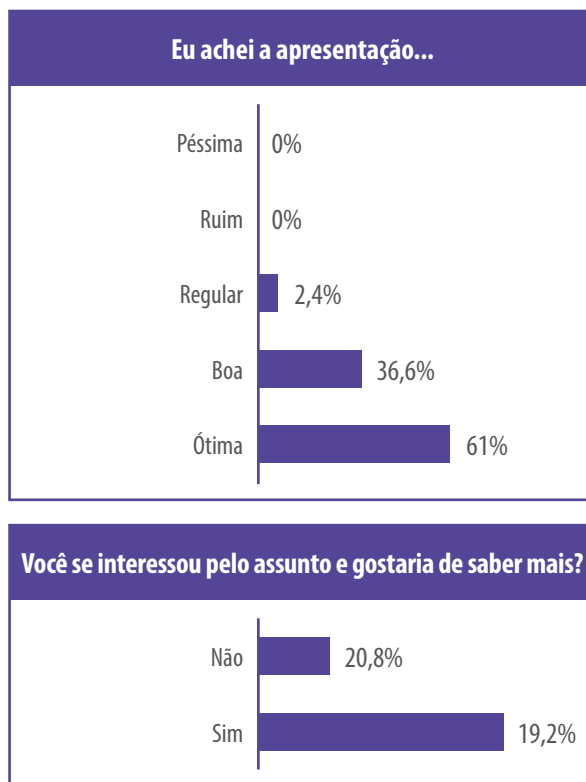


Figura 4: Os dados obtidos a partir da aplicação do questionário evidenciaram que a apresentação foi boa e conseguiu gerar interesse sobre a área biotecnológica nos alunos do Instituto Estadual Rio Branco de Porto Alegre.

Ao final de cada ação externa, os participantes fazem uma análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário e compilam as informações em um relatório de avaliação. Através deste, torna-se mais fácil avaliar os pontos fracos e fortes do projeto e planejar possíveis mudanças. Além disso, o relatório é utilizado como controle para avaliar o impacto e a validade do projeto de extensão.

A manutenção da página do *Facebook* e a criação de conteúdos é feito por todos os participantes do “Falaí Biotec”. São realizadas, no mínimo, 4 publicações semanais com notícias relativas à biotecnologia nas mais diversas áreas. A página foi criada em outubro de 2015, e, em 08 de abril de 2016, contava com 1.197 seguidores (<https://www.facebook.com/falaibiotec/>).

A visita ao Instituto Estadual Rio Branco de Porto Alegre, ocorrida no dia 1º de abril de 2016, revelou que dos 82 alunos que assistiram a palestra do projeto, 53 (65%) já haviam ouvido falar sobre biotecnologia (Figura 2). Após a apresentação realizada pelos integrantes do projeto “Falaí Biotec”, foi possível avaliar o quanto os alunos se interessaram pelo assunto e compreenderam os tópicos abordados. Constatamos que a maioria deles conseguiu construir um conhecimento acerca do conteúdo discutido na palestra, como podemos ver pelas respostas das questões “O que é biotecnologia?” e “Você come DNA?” mostradas na próxima figura.

Foram 95,2% dos alunos que responderam corretamente a primeira questão e 89% a segunda, evidenciando que estamos cumprindo com o objetivo do projeto de divulgar informação científica de qualidade, auxiliando assim na consolidação do conhecimento sobre a área de biotecnologia por parte dos alunos.

No questionário também foram feitas perguntas para podermos avaliar o desempenho do grupo que ministrou a palestra aos alunos do Instituto Estadual Rio Branco (Figura 3). A apresentação



Figura 5: Gênero e localização dos seguidores da página do “Falaí Biotec” no *Facebook*. Os dados foram coletados em 08 de abril de 2016.

foi bem avaliada e deixou os alunos interessados, pois 79,20% deles gostariam de saber mais sobre biotecnologia, como visto na Figura 4.

Após a palestra, foi entregue a todos os alunos o panfleto de divulgação (Figura 1), que contém informações sobre as áreas de aplicação da biotecnologia e o endereço para a página do *Facebook*. Através da análise dos dados da ação, evidenciou-se a importância da divulgação científica para despertar o interesse e a curiosidade dos alunos de ensino médio sobre biotecnologia.

A página do “Falaí Biotec” no *Facebook*, por sua vez, é uma ferramenta muito importante na divulgação científica, pois permite uma maior divulgação e atinge mais faixas etárias. Através da análise dos seguidores da página, observou-se que a maior parte é composta por mulheres (64%), como visto na Figura 5. Em relação à idade, nota-se que 61% dos seguidores têm entre 18 e 24 anos, o que demonstra que os jovens possuem maior interesse no assunto. Os seguidores são de

diferentes cidades do país, de Porto Alegre até Manaus, demonstrando que o uso de redes sociais auxilia na dispersão do conhecimento (Figura 5) e permite a interação com pessoas de diversos círculos sociais e idades, aumentando o alcance do projeto.

Além disso, as redes sociais permitem construir um intercâmbio cultural, através da interação de diferentes pessoas e democratização do conhecimento.

Considerações finais

Tendo em vista a importância da divulgação científica para que a sociedade esteja bem informada sobre temas polêmicos e relevantes de interesse público, este projeto está contribuindo para a difusão de conhecimentos relativos à biotecnologia na cidade de Porto Alegre através de ações em escolas, com palestras e confecção de material de divulgação. O uso da rede social *Facebook*, por sua vez, permite que a difusão de conhecimentos seja ainda maior, alcançando pessoas de diversas faixas etárias e de diversas cidades do país.

Mesmo com resultados ainda preliminares, o “Falaí Biotec” se destaca como um projeto promissor na área, já que instiga a população a se interessar por assuntos científicos e a formar sua

própria opinião sobre temas relevantes de interesse público. A primeira apresentação no Instituto Estadual Rio Branco deixou evidente que estamos conseguindo alcançar o objetivo desse projeto de extensão. Além disso, há um ganho muito grande na formação pessoal e profissional de alunos e ex-alunos do curso de Biotecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois estes desenvolvem habilidades diferentes das aprendidas em sala de aula.

Outro ponto interessante proporcionado pelo projeto “Falaí Biotec” é a possibilidade de levar à sociedade o que ocorre dentro dos laboratórios de pesquisa e no interior da própria Universidade, pois, por muito tempo, tem-se destacado o abismo existente entre esses dois mundos. Dessa forma, o projeto contribui com a responsabilidade social da UFRGS de divulgação do conhecimento e seu importante papel na formação da opinião pública.

“É necessário que cada ser humano que pensa tenha a possibilidade de participar com toda lucidez dos grandes problemas científicos de sua época, mesmo se sua posição social não lhe permita consagrar uma parte importante de seu tempo e de sua energia à reflexão científica. É somente quando cumpre essa importante missão que a ciência adquire, do ponto de vista social, o direito de existir.” (Einstein, 1924). ◀

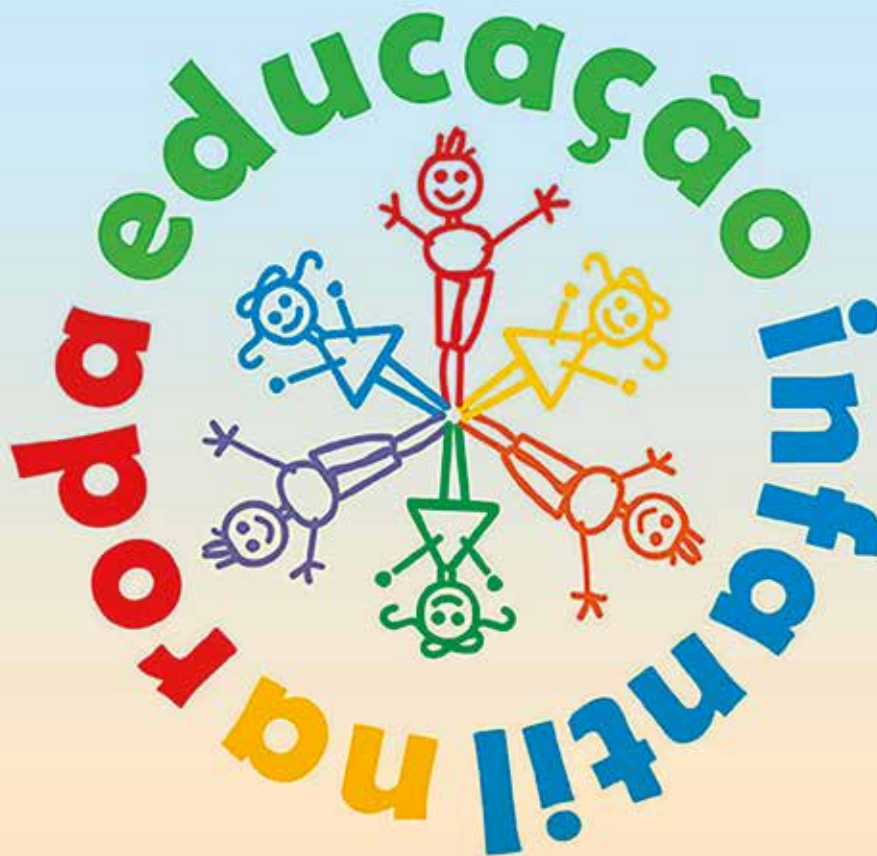
Referências

MASSARANI, L.; MOREITA, I. C.; BRITO, F. **Ciência e Público** – caminhos da divulgação científica no Brasil. Casa da Ciência, UFRJ, 2002. Disponível em: < <http://www.redpop.org/wp-content/uploads/2015/06/Ci%C3%Aancia-e-P%C3%BAblico-caminhos-da-divulga%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-no-Brasil.pdf> >. Acesso em: 30/03/2016

CAVARSON, C. H.; CANDIDO, L. S.; DUARTE, G. F. M.; ROCHA, P. M.; SANTOS, H. F.; CUNHA E SILVA, J. L. S.; FERNANDES, M.; MAIA, G. C.; OLIVEIRA, P. M. R. Perception of 3rd year high school students of two schools in Dourados-MS about biotechnology. BMC Proceedings, v.8, 2014. P. 235.

FERNANDES, J. L.; DOS SANTOS, S. C. M. **Redes sociais e divulgação científica**: possibilidades para a socialização do conhecimento. Disponível em: < http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_544_df3eef64a0ccf543d84ceb3f71f56829.pdf >. Acesso em: 30/03/2016.

EINSTEIN, A. **Berliner Tageblatt**, 20 de abril de 1924.



Programa educação infantil na roda: a articulação entre ensino, extensão e pesquisa

Maria Luiza Rodrigues Flores: Faculdade de Educação – UFRGS

Simone Santos de Albuquerque: Faculdade de Educação – UFRGS

Deise Bruna Massena Leite: Graduada em Pedagogia

Acadêmica de Pedagogia: Bianca Bortolini

A qualidade universitária efetiva-se quando se possibilita a aproximação entre a universidade e a comunidade, efetivando o princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão no Ensino Superior estabelecido na Constituição

Federal de 1988 (Constituição Federal, 1988, art. 207). De acordo com o Plano Nacional de Extensão, a Extensão é responsável pela articulação entre a universidade e as demandas da sociedade tendo função importante no tripé que constitui o trabalho acadêmico. Esse processo

permite a partilha e a troca entre os saberes acadêmicos e os populares, resultando na produção de novos conhecimentos, permitindo a democratização do conhecimento acadêmico e efetivando a participação da comunidade na atuação da Universidade. (BRASIL. Plano Nacional de Extensão, 2001).

Apoiado nestas premissas, o Programa de Extensão Universitária Educação Infantil na Roda é desenvolvido, desde 2012, pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), instituição com papel histórico neste estado como agência formadora de profissionais da área da Educação Infantil, tanto em nível de graduação, de especialização, como de pós-graduação *stricto sensu*.

Este Programa foi criado para articular Ensino e Pesquisa na área da Educação Infantil com as demandas da sociedade, pautando suas ações na oportunização de diversos e constantes diálogos com profissionais da educação básica, efetivados

de acordo com múltiplos formatos de ações e atividades. A oferta de educação para crianças de até cinco anos, como etapa educacional devidamente integrada aos sistemas de ensino, exige, ainda, significativo investimento da área para sua consolidação no plano das práticas institucionais, a despeito de um reconhecido corpo normativo e teórico em relação à educação infantil (BRASIL, CNE/CEB, Res. 05/09). Visando contribuir com essa agenda, o Programa oferece um espaço de reflexão, debate, aprofundamento e formação sobre práticas e políticas educacionais para esta etapa, aberto à comunidade em geral. Acadêmicos de licenciaturas, docentes, gestores de secretarias e conselheiros de educação se constituem em público-alvo prioritário e demandante de ações, pois são estes os atores principais que realizam as políticas voltadas à educação da pequena infância nos municípios, responsáveis prioritários por esta oferta educacional.

Para o desenvolvimento de suas diversas ações, este Programa de Extensão conta com o apoio da

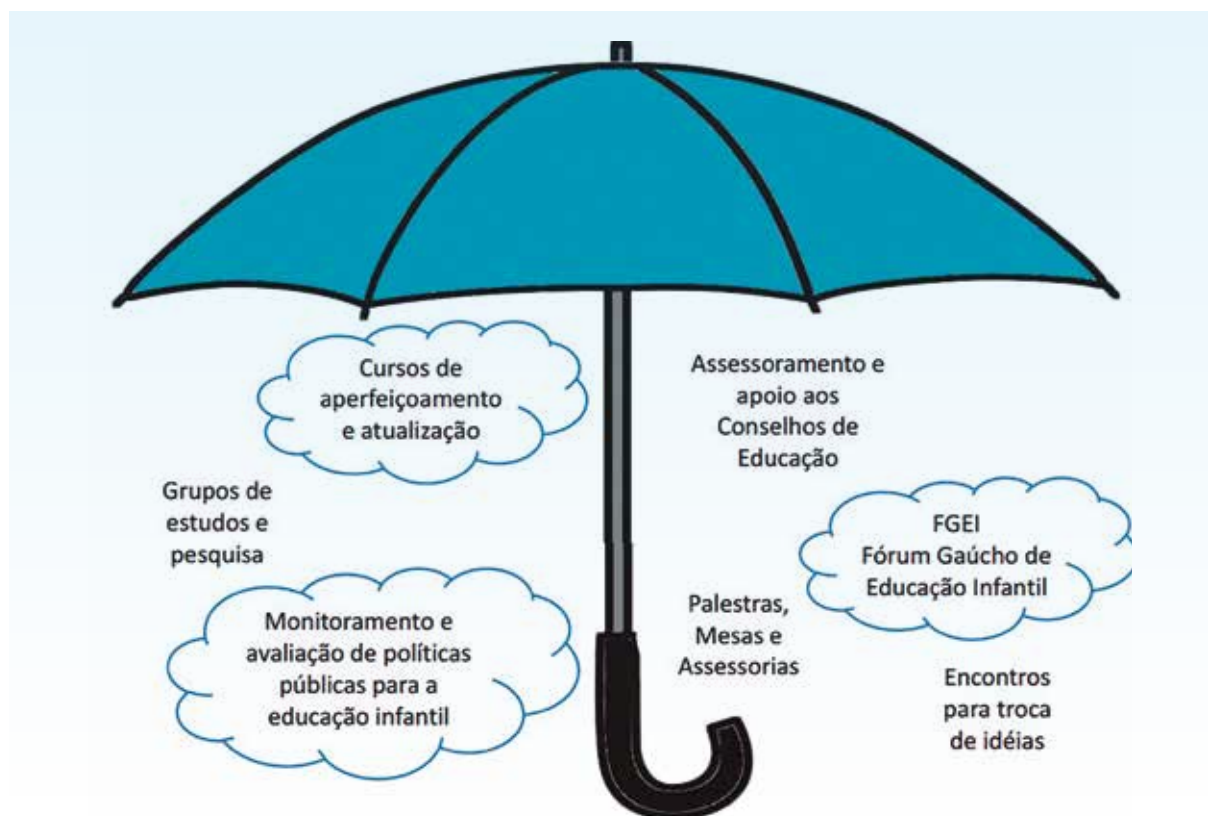


Figura 2: Guarda chuva de ações do Programa

Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, incluindo-se o Programa de Bolsas, o que permite a ampliação e qualificação de suas atividades, além de oportunizar a graduandos o desenvolvimento de práticas extensionistas e o contato direto com a comunidade envolvida na área educacional do estado e no país. Com o mesmo objetivo, monitores das disciplinas, alunos da graduação e bolsistas de Iniciação Científica vinculados às atividades das coordenadoras do Programa são convidados a participar de suas ações. Assim, vemos este Programa como um potente espaço formador, tanto para sua equipe interna, quanto para a comunidade em geral, na medida em que privilegia de forma articulada estudo, pesquisa e intervenção na realidade.

O Programa abrange atividades abertas e formativas, tais como: ciclos e jornadas de estudos, debates políticos, encontros promovidos por grupos de pesquisa e assessoria a gestores e conselheiros municipais de educação, incentivando a regularização desta oferta educacional e o monitoramento de políticas públicas para esta etapa educacional pela sociedade em geral.

Nesse sentido, tanto propomos atividades em função das prioridades da agenda da área no país, quanto acolhemos demandas da comunidade para organizar e promover ações específicas. Desta forma, entendemos que se efetivam dimensões importantes para a transformação da sociedade, tais como a construção de novos conhecimentos e a ação/intervenção social. No caso da educação infantil, em que nem todas as crianças brasileiras têm seus direitos garantidos e são marcantes as desigualdades de gênero, origem étnico-racial, grupo social de origem e região de moradia (ROSEMBERG; ARTES, 2012), acreditamos que a Universidade possui papel fundamental como agência formadora.

Ações de apoio a iniciativas dos movimentos sociais também são atividades realizadas neste Programa, bem como intercâmbios com outras agências formadoras, em âmbito nacional e



Figura 3: Reunião Plenária Fórum Gaúcho de Educação Infantil, em julho de 2015

internacional. Como exemplo, citamos a parceria com o Fórum Gaúcho de Educação (FGEI), vigente desde 2012, que se desdobra na organização de eventos, no apoio à organização de plenárias mensais deste movimento social e na oferta de um Ciclo de Estudos anual de 40h, aberto à comunidade, cuja pauta é constituída de temas relevantes para a efetivação de políticas de educação infantil, conforme as prioridades da área a cada ano.

O Programa busca, ainda, manter articulação com outros projetos e programas de extensão da UFRGS, contribuindo anualmente, no mês de maio, desde 2012, com a organização da Semana do Brincar na Faculdade de Educação - UFRGS, em conjunto com o Programa de Extensão “Quem quer brincar”, coordenado pela professora Tânia Ramos Fortuna. No ano de 2014, outra parceria com o Programa de Extensão Caixola, coordenado pelas professoras Adriana Coelho Borges Kowarick e Flávia Ataíde Pithan, da Faculdade de Biblioteconomia, permitiu a produção de um vídeo institucional comemorativo aos 15 anos do Fórum Gaúcho de Educação Infantil - FGEI.



Figura 4: Imagem do livro lançado



Figura 5: Home do site do Programa

Uma das ações realizadas pelo Programa em 2015, que também efetivou uma integração interinstitucional foi a Jornada de Estudos *Olhares sobre o Currículo na Educação Infantil*. Este evento integrou a Jornada de Estudo do Programa Educação Infantil na Roda com o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (Faced/UFRGS/MEC) e, ainda, com o Encontro Estadual do FGEI. Esta Jornada de Estudos teve grande número de interessados, superando o número de vagas em poucos dias, sendo demandada a possibilidade de transmissão *on-line*, o que permitiu a participação de pessoas de diversos locais no país. Os painéis apresentados no evento

abordaram temáticas relevantes e atuais para a área da Educação Infantil, contando com palestrantes de diversas instituições e articulando a Região Sul do país.

Neste evento, foi lançada e distribuída a obra “Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas”, resultante da atividade de extensão “Projeto de Assessoramento Técnico-Pedagógico na Implementação do Proinfância a um grupo de municípios gaúchos”, desenvolvida em parceria com o Ministério da Educação (MEC), entre 2012 e 2014, Projeto MEC/SEB/UFRGS).

Esta ação articulou ensino, pesquisa e extensão, consistindo em mapeamento da oferta de educação infantil e assessoramento técnico-pedagógico a 161 municípios de diferentes regiões do estado que conveniaram com o MEC para recebimento de unidades do Programa Proinfância, para construção de novas unidades de educação infantil, objetivando consolidar esta oferta educacional e apoiando tais municípios para este fim.

Desde sua criação, o Programa possui um *site* administrado pelo Setor de Comunicação da Faculdade de Educação – Faced que funciona como meio de divulgação de suas ações, repositório digital, e espaço de redirecionamento dos participantes das ações do Programa e para outros *sites* de entidades parceiras comprometidas com os direitos da infância, além de indicar e disponibilizar materiais de interesse, favorecendo a ampliação do acesso da comunidade a informações e material formativo sobre os temas da área.

No ano de 2015, a equipe do Programa se dedicou à organização e atualização deste site, com o objetivo de tornar mais dinâmica a interface deste meio digital e ampliar seu conteúdo, cumprindo, ainda, o papel de divulgar o conhecimento produzido na Universidade.



Figura 6: Equipe do Programa Educação Infantil na Roda na cerimônia de destaques do Salão de Extensão da UFRGS 2015

Para proceder a essa atualização, foi desenhado, com o apoio de bolsistas de extensão, um processo de sistematização de informações e materiais, permitindo a constituição e atualização de acervo histórico do Programa. Essa sistematização de informações e materiais contribuiu para a formação de acadêmicos, em temas relativos à infância e seus direitos, às demandas relativas à formação docente e às políticas e práticas educacionais para a pequena infância, exigindo um descentramento da equipe na busca de uma

melhor forma de organizar informações e materiais, garantindo a interação da comunidade com os materiais a serem disponibilizados.

Resultados e considerações finais

A significativa representatividade de pessoas oriundas de municípios do interior do estado e de diferentes instituições e segmentos da comunidade nas ações realizadas no decorrer dos anos, assim como os resultados dos instrumentos de avaliação aplicados são evidências de um bom desempenho deste Programa, que visa integrar as ações de ensino e de pesquisa da FAGED às demandas da sociedade, efetivando oferta de ações pautadas nos grandes debates da área e nas necessidades trazidas pelos interlocutores.

Corroborando com esse empenho, no ano de 2015, o Programa foi selecionado para apresentação no 33º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul - SEURS, realizado em Bagé/RS. E em outubro de 2015, o Programa teve sua relevância reconhecida como destaque no 16º Salão de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, duas situações importantes que, também, contribuem com a formação dos acadêmicos que participaram destes eventos como apresentadores de trabalhos. ◀

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> Acesso em: 15 de março de 2016.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9394/1996. Brasília: 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 11 de abril de 2016.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: Editus, 2001. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>> Acesso em: 02 de abril de 2016.

ROSEMBERG, Fúlvia; ARTES, Amélia Cristina Abreu. O rural e o urbano na oferta de educação infantil para crianças de até 6 anos. In: Maria Carmen Silveira Barbosa. (Org.). **Oferta e demanda de educação infantil no campo**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12465-oferta-demanda-educacao-ampo-pdf&category_slug=fevereiro-2013-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 11 de abril de 2016.



Figura 1: Lançamento do projeto Praça Rua Independência

A experiência do EMAU - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Passo Fundo

Carla Portal Vasconcellos: Universidade de Passo Fundo - UPF
Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo: Marina Grando

O presente artigo propõe apresentar de forma resumida o EMAU - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Passo Fundo e as atividades desenvolvidas no ano de 2015. O escritório surgiu da discussão a respeito da vivência e das práticas dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo durante a graduação, tendo como finalidade não só completar a educação

universitária, mas também firmar um compromisso com a realidade social da comunidade onde a universidade está inserida.

A participação dos estudantes de arquitetura e urbanismo e demais interessados é aberta, sendo um espaço de debate e produção com toda a sociedade. O projeto busca ultrapassar a vivência da sala de aula e encontrar formas de articulação

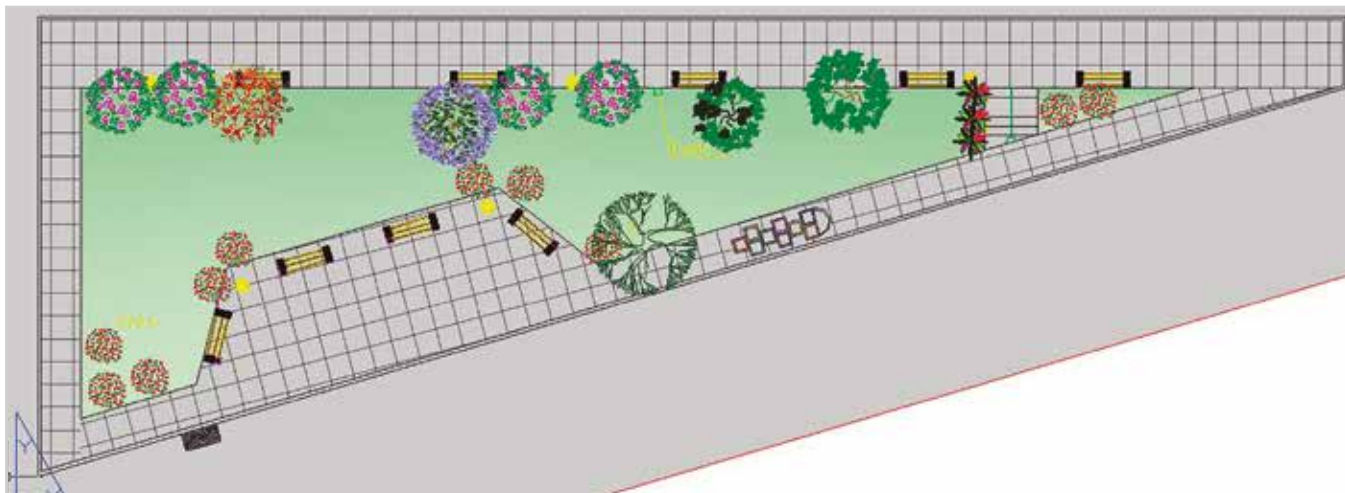


Figura 2: Lançamento de projeto Praça Rua Independência

com a sociedade. Dessa forma, a tríade: Ensino + Pesquisa + Extensão Universitária, é tomada como base para o entendimento dos princípios da proposta, caracterizada por uma comunicação constante entre sociedade e a universidade.

O Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Passo Fundo propõe a realização de ações compartilhadas, tendo a arquitetura vivida como processo. Desta forma, buscou realizar o intercâmbio de informações com a comunidade de trabalho, de maneira horizontal, sem hierarquização e com o exercício do diálogo para encontrar soluções adequadas à realidade social. Deste diálogo entre as partes envolvidas, resulta a união do conhecimento técnico com o conhecimento empírico. Direciona a sua atividade para a parcela da população que não possui, ou, não acredita poder ter, acesso ao trabalho profissional de um arquiteto e urbanista.

O objetivo geral do escritório é, através das ações, buscar garantir qualidade de vida digna para os habitantes dos assentamentos urbanos; o uso de tecnologias que respeitem as necessidades sociais, culturais e estéticas das comunidades; o equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável do ambiente construído, bens materiais e imateriais valorizados como patrimônio e a responsabilidade de todos.

Como objetivos específicos propõe o aperfeiçoamento da educação e da formação profissional, através da vivência social e da experiência teórico-prática como um todo. Visa também estabelecer uma relação transformadora com a sociedade, afirmando assim a necessidade do caráter social do ensino universitário.

Como metas para o ano de 2015 o EMAU buscou: i) institucionalizar parcerias com outros cursos, com outros projetos de extensão e com instituições públicas; ii) organizar evento para divulgar atividades do grupo e trazer relatos de experiências significativas de grupos similares; iii) produzir material didático, como vídeos, registros das ações realizadas e de seu desenvolvimento.

As metas visam incentivar um novo ciclo de realizações, conectando a rede de parceiros em um movimento de expansão e transformação. É hora de pensar no futuro, momento de colher aprendizados e planejar ações a partir da iniciativa e autonomia de cada comunidade, encaminhando e divulgando as ações e conquistando parceiros para a materialização de novos desafios em uma ação em rede para transformar.

O trabalho deve ser realizado com comunidades organizadas, elaborado e executado em parceria com as mesmas, de forma que estas possam aplicar e difundir conhecimentos e práticas com



Figura 3: Lançamento do projeto Praça Antonino Xavier

autonomia. A escolha dos locais pretende ainda difundir a atividade da arquitetura e urbanismo, buscando ampliar a atuação do profissional e a conscientização dos futuros arquitetos, assim como da população, sobre este vasto campo de trabalho. O número de pessoas atendidas varia de acordo com os subprojetos do Escritório Modelo.

A proposta do EMAU é o desenvolvimento de um trabalho coletivo de caráter multidisciplinar desenvolvido junto à parte da população que não tem acesso a produção formal de arquitetura. É baseada na troca sem hierarquia, uma troca de conhecimento de uma maneira horizontal entre universidade e sociedade.

“Não existem comunidades excluídas, e sim comunidades perversamente incluídas”, elucida Milton Santos. Esta inclusão perversa é, além de econômica e social, cultural, e demonstrada especialmente. Nesse sentido a proposta do EMAU tem como foco principal atuar nestas comunidades, dentro do contexto da cidade informal.

Trabalhar com comunidades minimamente organizadas em associações, conselhos ou comissões de moradores evita que o EMAU concentre seus esforços na realização de atividades que atinjam um pequeno número de pessoas, ou pior, assumam um caráter de atividades assistencialistas. As atividades do EMAU não são um “favor”

para comunidade, mas estão incluídas em um processo de troca entre as partes, sendo todos os envolvidos beneficiados por estas ações. A ação do EMAU busca beneficiar não só uma pessoa, mas um grupo de pessoas.

O processo projetual, baseado no diálogo entre as partes objetiva produzir um bem coletivo, podendo resultar na apropriação e consequente sustentabilidade da comunidade. Para que haja essa apropriação, além do conhecimento técnico que os estudantes de arquitetura e urbanismo colocam a disposição, é fundamental que a comunidade se sinta integrada ao processo de construção coletiva, contribuindo com o seu conhecimento empírico.

Dessa forma, a ação do EMAU nas comunidades não se propõe a realização de propostas prontas e acabadas, mas trabalha com a possibilidade de uma ação compartilhada e flexível, onde a arquitetura e o urbanismo são vivenciados enquanto processo. A base de um EMAU é o trabalho coletivo, tanto em sua gestão interna, como no exercício multidisciplinar e na relação EMAU/ Comunidade. O trabalho em grupo leva todos a entender melhor seu papel como cidadãos em uma sociedade de complexas relações. A troca de saberes entre diversos profissionais, e destes com a comunidade, é uma tentativa de realizar um trabalho mais completo.

2.3 Metodologia

Para a realização das atividades no ano de 2015 usou-se a seguinte metodologia:

1. Levantamento das comunidades a serem atendidas no ano de 2015, através de parcerias com outros cursos e com outros projetos de extensão.
2. Aproximação à comunidade e seu ambiente e exercício de imersão por parte do EMAU, visualizando recursos e possibilidades e identificando o potencial de contribuição de cada pessoa. Esta vivência buscará fortalecer o trabalho coletivo, através do estabelecimento de relações afetivas, confiança e cuidado mútuo.
3. Criação de espaço para expressão das aspirações coletivas, através de dinâmicas, oficinas e atividades lúdicas. Construção de uma imagem coletiva do que poderá ser realizado, indo além da
4. Compilação dos levantamentos iniciais, através de tabelas, gráficos, desenhos e o que mais for necessário, a fim de balizar o planejamento cuidadoso através de diretrizes e de estratégias a partir do conjunto de demandas levantadas.
5. Desenvolvimento do projeto a partir do levantamento efetuado in loco e das diretrizes e estratégias formuladas, a fim de que o grupo, em ateliê, possa exercitar as capacidades desenvolvidas durante a vida acadêmica.
6. Atendimento ao público e comunidade (quando necessário) em Reunião Ordinária do EMAU, semanalmente.



Figura 4: Resultado espaço Seminário Integrador



Figura 5: Preparação elementos Comemoração 25 anos



Figura 6: Resultado espaço Comemoração 25 anos CREATI

7. Reuniões gerais, de balanço, de forma horizontal, gerando relatórios, ensaios e estudos específicos.

8. Apresentação de etapas cumpridas e ajustes de projetos em reuniões entre EMAU e COMUNIDADE, realizada em reuniões periódicas ocorridas na Universidade de Passo Fundo e nas comunidades.

9. Finalização de projetos e ajustes técnicos e a entrega final dos projetos.

10. Produção de artigos e relatórios sobre o projeto e seu desenvolvimento, participação em eventos para a difusão do conhecimento e socialização dos resultados.

Desenvolvimento das atividades e resultados alcançados

Dentre as atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão no ano de 2015 destacam-se as seguintes:

a) Foi idealizado um conjunto de atividades intituladas 'Ações Urbanas', dividido em 'Anatomia da Cidade', 'Reforminha Urbana' e 'Cidade com

Humor' na cidade de Passo Fundo, dos quais o primeiro foi desenvolvido. Anatomia da Cidade teve como objetivo incentivar à apropriação e cuidado com o espaço público, sua correta utilização e valorização, fomentando investimentos públicos e comunitários. São parceiros desta ação a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e outros Projetos de Extensão, como Momento Patrimônio e Paisagismo Produtivo.

A ação se desenvolveu em dois espaços públicos: i) a Praça nas esquinas das ruas Independência e Rio Branco, com 269 m², bairro Centro, uma área mista com densidade variando, segundo o IBGE, entre 8.200 e 30.400 habitantes/Km²; ii) parte da Praça Antonino Xavier, totalizando 2.050 m², também no bairro Centro. O levantamento das áreas envolveu voluntários e professores do Projeto de Extensão Paisagismo Produtivo, além de voluntários e professores do VivA!Emau.

Ambos os projetos foram elaborados por voluntários do VivA!Emau, estando sob responsabilidade de grupos específicos de discentes, dentre os quais um aluno responde pela distribuição de tarefas e andamento do anteprojeto, sempre sob a orientação dos professores. Os dois projetos serão apresentados à Prefeitura Municipal, com quem serão acertados ajustes e parceria para execução dos mesmos.

b) Foi solicitada, via Vice-Reitoria de Extensão da UPF, a participação do VivA!Emau em eventos, tendo se responsabilizado, juntamente com o projeto Paisagismo Produtivo, pela organização dos espaços a serem utilizados. Deste modo o VivA!Emau participou da concepção e execução dos espaços de recepção e convivência: i) do Seminário Integrador “A extensão como arte do encontro”, em 12 de maio, do qual participaram alunos e professores vinculados à extensão; ii) da programação especial em comemoração aos 25 anos do Centro de Referência e Atenção ao Idoso da Universidade de Passo Fundo (Creati/UPF), evento do qual participaram cerca de 400 convidados, em 18 de setembro, para a preparação do qual contamos com a colaboração do Curso Design de Moda e do CETEC.

c) Ainda com relação a eventos, o grupo contribuiu: i) para a definição do espaço onde se desenvolveu o Sarau do IFCH, ocorrido em 03 de junho, aberto a toda a comunidade acadêmica e organizado pelo Diretório Acadêmico; ii) para a I Semana do Patrimônio, organizada pelo Curso de História e pelo Programa de Pós-Graduação em História, construindo um espaço de reflexão, debate e troca sobre o patrimônio arquitetônico existente junto à Praça Marechal Floriano, em 19 de agosto, durante o turno da manhã. Além dos voluntários, participaram da organização, da ação e da atividade em si outros professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo, constituindo-se um momento de intenso aprendizado sobre a história oral, a importância da memória e de sua preservação para os indivíduos, sua cultura e sua identificação como cidadãos. Para a preparação dos elementos que compuseram a atividade contamos com a colaboração do Curso Design de Moda.

d) Os voluntários do VivA!Emau participaram da disciplina de Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo, no dia 07 de maio, oportunizando aos alunos maior compreensão sobre a organização estudantil, a atuação do VivA!Emau e dos demais Emaus, a extensão e o significado de urbanismo social, uma das discussões específicas do semestre nesta disciplina.



Figura 7: Apresentação dos projetos na Associação de Cultura Islâmica

e) Em parceria e por solicitação do Projeto de Extensão UPF e movimentos sociais: os desafios das relações étnico raciais, o VivA!Emau está desenvolvendo a ampliação da Associação Cultural Islâmica de Passo Fundo. A chegada de imigrantes senegaleses e bengalis ampliou a frequência na sede da Associação que não comporta mais de forma adequada o número de muçulmanos residentes na cidade. O projeto proporcionou aos alunos contato com uma nova cultura e inúmeras reflexões sobre o papel do arquiteto e da arquitetura.

Realizado levantamento e discussões iniciais, os alunos construíram, em dois grupos distintos, duas possibilidades de ampliação. Os projetos foram apresentados em 25 de agosto, tendo sido acordado que o grupo se encarregaria de levantar custos e viabilidade técnica, para o que está construindo parceria com o Escritório Escola da Engenharia Civil, de forma a dar continuidade ao projeto. Também são parceiros deste projeto: especificamente no desenvolvimento de alternativas de proteção acústica, o Laboratório de Conforto Ambiental; e no desenvolvimento do projeto de interiores e programação visual, o Laboratório de Interiores e o Curso de Design de Produtos.

Em nossa sociedade, a educação segue majoritariamente os métodos tradicionais de ensino que tendem a produzir saberes de forma fragmentada. As diferentes áreas do conhecimento pouco

reconhecem que fazem parte de um todo, gerando um sistema sem articulação. A universidade faz parte deste cenário, e assim como é representante do conhecimento formal, ela atua como um espelho da sociedade como um todo. E o que vemos no seu reflexo? A quem o conhecimento está servindo? Na universidade observam-se as mesmas desigualdades existentes no restante da sociedade, na medida em que ela também as constrói e replica.

A partir de nossa troca de experiências, percebemos que cada vez mais este conhecimento produzido afasta-se da realidade e é incapaz de dar respostas às demandas da maioria da sociedade. Ao invés disso, prioriza-se a produção acadêmica, a apropriação privada do conhecimento, títulos de patentes, produção de artigos, pesquisas que são métodos dos interesses privados do capital para se utilizar da universidade como ferramenta para o desenvolvimento próprio.

Esse quadro da universidade pode ser transformado. Incentivar a extensão popular é um meio de disputar o caráter da universidade, na tentativa de voltar à produção de conhecimento para quem mais necessita: os setores sociais excluídos. A extensão universitária voltada para causas populares é uma alternativa para que a universidade

se aproxime da sociedade (e de seus problemas) e, assim, assuma seu papel como polo criativo e reflexivo, capaz de desenvolver, numa perspectiva de totalidade, condições para sua transformação.

Deste modo, o projeto contribuiu para o caráter transdisciplinar da extensão onde a conversação e a troca entre distintas áreas do conhecimento facilite a intervenção na realidade e ajude a superar a fragmentação existente. Da mesma forma, é importante empenhar esforços na articulação com diversos grupos de extensão popular existentes em cada universidade e entre universidades, para formar um campo que abranja uma gama maior de atuações e que se fortaleça na disputa do caráter da produção de conhecimentos.

Além disso, a mudança do quadro atual da universidade pede uma mudança do significado da extensão: atribui-la à produção do conhecimento de forma conjunta e não do conhecimento como produto pronto levado da universidade para a sociedade. Ao trabalhar com demandas complexas, constituídas por problemas sociais, arquitetônicos, econômicos, o EMAU ilustra essa estrutura executiva e a válida, uma vez que age no sentido oposto a corrente, isto é, a partir dos estudantes, com comunidades e não para elas. ◀

Referências

- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1991.
- JACOBS, Jane; BAILÃO, Cheila Aparecida Gomes (Rev.) **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: UnB, 1996.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CONDE, Luiz Paulo; MAGALHAES, Sergio. **Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro**. Raio de Janeiro: Vivercidades, 2004.
- ACIOLY JÚNIOR, Claudio; DAVIDSON, Forbes. **Densidade urbana: um instrumento de planejamento e gestão urbana**. Rio de Janeiro: Mauad X, 1998.
- CESAR JÚNIOR, Carlos Eugênio Monteclaro. **O ser arquiteto-urbanista**. São Paulo: Cabral, 1998.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: Universidade Federal Fluminense - História, 1988.

Normas para submissão de artigos

Os artigos deverão ser encaminhados para o endereço revistadaextensao@proext.ufrgs.br no seguinte formato:

Artigos: textos inéditos resultados de atividades de extensão ou reflexões relativas à extensão universitária caracterizando-se como contribuição ao conhecimento sobre o tema. Os artigos devem seguir as normas da ABNT, conter título, autor e titulação, e-mail e instituição, devendo contemplar aspectos formais que indiquem introdução, fundamentação teórico-metodológica, resultados, considerações finais e referências que não excedam 08 publicações/citações. A ordem dos autores, com o máximo de 4, deve obedecer à hierarquia do desenvolvimento do projeto ou programa de extensão a que se vincula o artigo.

Formato: máximo de 10 páginas (fonte Times New Roman; espaço 1,5; tamanho 12, margens 2,5 cm), incluindo imagens, referências e notas.

Importante: os artigos devem conter ao menos 3 ilustrações, uma vez que a Revista é uma publicação ilustrada. O assunto do e-mail que contenha o artigo deve ser identificado com o nome do principal autor.

Figuras (fotografias, imagens e gráficos), Tabelas e Quadros: devem ser enviados com resolução mínima de 300 DPI, legendados com fonte/créditos do autor, ter espaço/local marcados no texto e ser enviados em arquivos separados como anexos.

Orientações para o envio de artigos: os artigos deverão ser encaminhados em Microsoft Word 97-2003 ou superior. Anexar arquivo em formato ZIP ou RAR, no qual serão incluídas as Figuras, Tabelas e Quadros, em JPG. Os anexos deverão ser legendados, numerados e ter identificada a sua inserção no texto, por exemplo: Figura 1; Quadro 2, Tabela 3.

Normas para avaliação de artigos

Os artigos encaminhados serão avaliados por dois integrantes da Conselho Editorial. Caso haja necessidade, também serão encaminhados para avaliadores *ad hoc*. Os processos de avaliação e seleção têm como critérios: as normas estabelecidas para a submissão de artigos; a relevância social do tema; a consistência teórica e metodológica da proposta; a originalidade e a qualidade argumentativa do texto. Os pareceres são revisados pelo Conselho Editorial da Revista e classificados em aceito, aceito com restrição e não aceito. Os trabalhos aceitos com restrição serão devolvidos aos autores para as modificações solicitadas pelos pareceristas. Os autores terão o prazo máximo de 07 dias para reenviar o texto alterado ao endereço eletrônico da Revista da Extensão.



Acesse a versão digital da Revista da Extensão em www.revistadaextensao.ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor

Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Extensão

Sandra de Deus

Revista da Extensão nº 12

Porto Alegre, Junho de 2016.

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Editor

José Antônio dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

Eduardo Cardoso

Paulo Baldo

Ricardo Fredes da Silveira

Capa

Paulo Baldo

Revisão

José Antônio dos Santos

Conselho Editorial

Enock da Silva Pessoa (Universidade Federal do Acre)

Deise Cristina de Lima Picanço (Universidade Federal do Paraná)

Fernando Arthur de Freitas Neves (Universidade Federal do Pará)

George França dos Santos (Universidade Federal do Tocantins)

Geraldo Ceni Coelho (Universidade Federal da Fronteira Sul)

Gustavo Menéndez (Universidad Nacional del Litoral - Argentina)

José Antônio dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Pantelis Varvaki Rados (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Paulo Henrique Caetano (Universidade Federal de São João Del Rey)

Regina Agramonte Rosell (Universidad de las Artes - Cuba)

Presidente do Conselho Editorial

Sandra de Deus (Pró-Reitora de Extensão - UFRGS)

Revista da Extensão



A Extensão vista de perto
Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, 5º andar, Bairro Farroupilha
CEP 90046-900 - Porto Alegre / RS
(51) 3308 2920 / 3308 3379

www.revistadaextensao.ufrgs.br
revistadaextensao@proext.ufrgs.br

